

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

A ENTREVISTA JORNALÍSTICA
- um encontro especial entre sujeitos -

DARYA VALESKA AKSINYA GOERISCH

RIO DE JANEIRO

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

A ENTREVISTA JORNALÍSTICA
Um encontro especial entre sujeitos

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social/ Jornalismo.

DARYA VALESKA AKSINYA GOERISCH

Orientador: Prof. Dr. Gabriel Collares Barbosa

RIO DE JANEIRO

2013

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **A entrevista jornalística**, elaborada por Darya Valeska Aksinya Goerisch.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Gabriel Collares Barbosa
Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação .- UFRJ
Departamento de Expressão e Linguagens - UFRJ

Prof. Dr. Fernando Antônio Mansur Barbosa
Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Expressão e Linguagens -. UFRJ

Profa. Dra. Cristiane Henrique Costa
Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Expressão e Linguagens - UFRJ

RIO DE JANEIRO

2013

FICHA CATALOGRÁFICA

GOERISCH, Darya Valeska Aksinya Goerisch .

A Entrevista Jornalística - um encontro especial entre sujeitos.

Rio de Janeiro, 2013. Pgs.52

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação
– ECO.

Orientador: Gabriel Collares Barbosa

RESUMO

Esta monografia apresenta um painel sobre a entrevista jornalística e como a mesma é publicada nos diferentes veículos de comunicação. Reconhecendo-a como principal ferramenta para a construção do texto jornalístico, seja a notícia ou a reportagem, procura-se, contudo, ressaltar sua autonomia enquanto gênero. Para exemplificar isso, a pesquisa se debruça sobre tipos e técnicas de entrevistas, detendo-se no ato de entrevistar e nos aspectos ético e legal que o permeiam. Revisando a trajetória do gênero no Brasil e as influências do New Journalism, são destacadas entrevistas que causaram grande impacto na sociedade, fornecendo elementos para transformá-la historicamente. Refletindo sobre os diferentes estilos praticados, o trabalho aprofunda a reflexão a partir das obras da jornalista italiana Oriana Fallaci que de modo “agressivo” confrontou os grandes líderes mundiais revelando os bastidores do poder e o carisma do brasileiro Roberto D’Ávila que, há décadas, apresenta na TV personalidades nacionais e internacionais que rendem-se completamente ao seu estilo amigável de entrevistar. O projeto traz como anexo a íntegra de entrevista concedida por D’Ávila à autora no decorrer da pesquisa.

Palavras-chave: Entrevista Jornalística, técnicas de entrevista, tipos de entrevista, estilos, New Journalism, Oriana Fallaci, Roberto D`Ávila, Samuel Wainer, Getúlio Vargas, Leila Diniz, Pedro Collor, O Pasquim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Berenice Mendes, pelo companheirismo e estímulo, Gabriel Collares pelo decidido e permanente apoio, a meus filhos Luma e Caio Leon pela paciência e compreensão, a Roberto D'Ávila pelo carinho e tempo despendido e a Raquel Geber que abriu as portas de seu particular paraíso natural.

SUMÁRIO

1. Introdução
2. A entrevista jornalística
 - 2.1. Notícia e reportagem
 - 2.2. Tipos de entrevista
 - 2.3. Técnicas de entrevista
 - 2.4. O ato de entrevistar
 - 2.5. Ética e legalidade na entrevista
3. A entrevista no Brasil
 - 3.1. Grandes entrevistas
4. A agressividade de Oriana Fallaci e a empatia de Roberto D`Ávila
 - 4.1. Estilos: Confronto e empatia
5. Conclusão
6. Bibliografia
7. Anexo

1. Introdução

Prodígios, monstruosidades, feitos de poderosos, morte de gente famosa, inaugurações e cerimônias públicas, têm sido apontados, desde o século XVII, como objeto dos relatos jornalísticos. Segundo Tobias Peucer “o que merece ter registro na história são as coisas singulares que merecem ser recordadas e conhecidas”. (PEUCER, 2004, p. 20) Nesta perspectiva, o jornalista seria tanto um memorialista, quanto um pesquisador que, com sua curiosidade, sacia a curiosidade alheia. E ainda que a prática do jornalismo tenha evoluído e se transformado ao longo do tempo, a alma do jornalista, precisa continuar tendo, em seu cerne, a fagulha de um interesse ampliado, tanto pelos fatos, quanto pelos outros.

Para Sergio Vilas Boas, o jornalista “deve tomar o ato de escrever como um momento de livrar o corpo e o espírito de uma coceira, que apenas sossega quando o texto está pronto”. Diz o autor que escrever é uma obsessão e que “a busca do texto ideal não tem fim”, porque se renova a cada matéria escrita. (VILAS BOAS, 1996, p.61)

No meu caso, a ‘fagulha’ do interesse, ou a ‘coceira’ do desassossego, surgiram cedo. Comecei minha carreira em Hamburgo no início da década de 90, trabalhando para a revista “Vamos” - publicação editada em alemão e português com uma tiragem de 100 mil exemplares -, que circulava, além da Alemanha, na Suíça, Áustria e em Portugal, contando com certo número de assinaturas também no Brasil.

O foco da revista era informar sobre eventos brasileiros na Europa e assim, por 7 anos, entrevistei uma gama de personalidades brasileiras que por lá passava, em especial cantores de MPB como Chico Science, Herbert Vianna, Elba Ramalho, Baden Powell, dentre outros músicos em turnê pela Europa naqueles dias. Sendo meu primeiro trabalho, o que faltava em preparo e experiência sobrava em entusiasmo, que rendeu bons resultados em muitos casos.

Retornando ao Brasil no ano 2000, fui convidada à trabalhar na Rádio e TV Educativa do Paraná (RTVE-PR) em Curitiba, onde tive a oportunidade de entrevistar personagens para aqueles veículos. Atuando como repórter esportiva, entrevistei técnicos, jogadores de futebol e atletas de diferentes modalidades como Bernardinho,

Dayane dos Santos, Jade Barbosa, Wanderlei Silva, dentre outros. Durante este período, que se prolongou por outros 7 anos, percebi que só o entusiasmo e a intuição não bastavam e, portanto, busquei na prática a técnica necessária ao exercício profissional.

Chegando ao Rio de Janeiro em 2009, na contramão da realidade brasileira que havia dispensado a necessidade do diploma para o exercício da profissão, após 14 anos de prática jornalística, resolvi ingressar na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – ECO - onde pude, enfim, conciliar a prática com a teoria e a técnica do *métier*. Em várias disciplinas ministradas, me deparei, de novo, com a entrevista: realizei uma grande reportagem sobre o intercâmbio de estudantes estrangeiros e outra sobre o bonde de Santa Teresa. Escrevi o perfil de João Donato e também o de um morador de rua, ambos ao estilo do *new journalism*. Entrevistei um especialista em malária, para matéria de cunho científico.

Em 2011 fui convidada a participar de um projeto acadêmico sobre samba, desenvolvido no Audioativo - laboratório de rádio da Central de Produção Multimídia (CPM) da ECO. O projeto resultou na construção do portal “Estação Samba”, para o qual entrevistei músicos e compositores da cena do samba carioca, dentre os quais Jards Macalé, Marcos Esguleba, Robertinho Silva, Moyseis Marques, Tereza Cristina, Mario Broder e Almir Guineto.

Não poderíamos, portanto, após quase duas décadas de trajetória fundada na entrevista, optar por outro tema, para este trabalho de conclusão de curso - TCC. A entrevista é o cerne do bom jornalismo, ponto de partida e momento fundamental para a elaboração de narrativas que apresentem personagens e reportem de modo vívido os mais diferentes aspectos da realidade.

Para desenvolver a monografia, utilizamos uma metodologia que abrangeu a pesquisa na bibliografia produzida por teóricos da comunicação e profissionais da área, a busca de fontes como revistas eletrônicas, artigos e ensaios publicados em páginas da internet e a produção de uma entrevista exclusiva sobre a prática da entrevista com um dos mais respeitados entrevistadores brasileiros.

A entrevista coloca, frente a frente, duas ou mais pessoas com suas histórias, visões, jeitos de pensar e de ser, opiniões, dúvidas, avaliações e conflitos. Cada entrevista é única e seu resultado tão desconhecido quanto o ser humano que abordamos. Ela demanda a criação de clima, o uso da intuição, da percepção e até do

pressentimento. Exige técnica e talento.

Se o jornalista é um generalista que pode caminhar por vários campos do conhecimento e, a partir da curiosidade, buscar a informação onde quer que esteja, podemos pensar na entrevista como sua principal, ou primeira, ferramenta. Ela tanto pode auxiliar a tarefa do repórter da grande imprensa a informar com rapidez sobre o tema do dia o leitor ocupado, como pode ser aquela peça jornalística que encanta, surpreende e estabelece a verdadeira comunicação que deriva da entrevista que apresenta, a um só tempo, emoção, empatia, conteúdo e informação.

Todavia, a pressa dos fechamentos diários, o esquema ainda industrial que rege a grande mídia, impedem que entrevistas sejam trabalhadas como uma conversa que aponta para diversas possibilidades e não apenas para aquela que motivou o entrevistador ou a pauta. A extrema pressão para a entrega de resultados, faz com que, muitas vezes, sequer o jeito de falar dos entrevistados seja respeitado. A homogeneização das nuances e particularidades do entrevistado acaba por sonegar ao leitor informações que trariam uma melhor compreensão do posicionamento apresentado já que somos, todos nós, nossa condição humana de gênero, raça, nacionalidade, e nossa cultura - regional, religiosa, profissional, etc.

Cremilda Medina alerta para o perigo do jornalista se deixar levar apenas pelos padrões técnicos do cotidiano da profissão e, assim, incorrer autoritariamente numa edição do texto que, em nome da eficiência, elimine "impurezas", vícios de linguagem, oralidades, pensamentos altos, comentários paralelos e circularidades sempre presentes na formulação do pensamento humano, como se fosse possível estabelecer uma relação linear entre qualquer entrevistado e entrevistador:

O maior obstáculo é o dirigismo com que se executam as tarefas da comunicação social. Na maior parte das circunstâncias, o jornalista (comunicador) imprime o ritmo de sua pauta e até mesmo preestabelece as respostas: o interlocutor é conduzido a tais resultados. (...) O que menos interessa é o modo de ser e o modo de dizer daquela pessoa. O que efetivamente interessa é cumprir a pauta que a redação de determinado veículo decidiu. (...) O aproveitamento cotidiano das entrevistas realizadas no dia-a-dia da comunicação coletiva é frustrante. (MEDINA, 1990: 6-7, 49)

Dificuldades à parte, nosso recorte visa mesmo é considerar o potencial informativo e de formação de opinião propiciado pela entrevista. Nos parece que não há uma fórmula exata para uma bem sucedida entrevista. Não existem cartilhas que

ensinem seu bê-á-bá, mas é possível reconhecer vários fatores que contribuem para o êxito de sua produção. Assim, o objetivo desse TCC é analisar diferentes estilos e estratégias de alguns profissionais da área, de modo a identificar o que resulta ora num texto desinteressante que o leitor despreza em segundos, ora numa peça de repercussão e conseqüências significativas na vida pública ou privada. Não abordaremos a interferência editorial das empresas jornalísticas para o fracasso ou o sucesso no resultado de uma entrevista, pois o que se coloca em questão são as habilidades essenciais para a efetiva produção do diálogo entre o profissional e seu entrevistado.

Perguntamos: qual é o segredo do sucesso de uma entrevista? Arte, técnica? Experiência aditivada com truques profissionais? Pesquisa, empenho, dedicação? Produção, contatos influentes, desenvoltura?

Buscando respostas, dedicaremos o segundo capítulo a revisão dos estudos sobre a entrevista como braço do jornalismo. Entrevistas de informação e de opinião. Coletivas de imprensa, perfis, pingue-pongue. Técnicas de reportagem e modos de estruturar a entrevista. A pesquisa e o conhecimento sobre o tema e a pessoa. Elementos subjetivos: probidade, intuição, delicadeza, confiança, confidência, e questões éticas e legais que permeiam a publicação e a relação entre jornalista e entrevistado.

No terceiro capítulo abordaremos a entrevista no Brasil, resgatando o contexto histórico em que surgiu, apontando influências sofridas em seu desenvolvimento - especialmente a norte americana, e identificando os principais entrevistadores e veículos da mídia brasileira. Analisaremos, também, algumas entrevistas que demonstraram grande força em determinadas circunstâncias históricas, causando impacto social por diversos motivos como a de Getulio Vargas por Samuel Wainer e a de Leila Diniz ao Pasquim, dentre outras que fizeram história.

Passaremos então, no quarto capítulo, à análise que selecionamos para fundamentar esse TCC: o contraste de estilos existente entre o carismático jornalista brasileiro Roberto D'Ávila, autor de centenas de perfis veiculados em seu programa televisivo Conexão, e a força agressiva e confrontante da falecida jornalista italiana Oriana Fallaci que, ao longo de décadas, publicou importantes e contundentes entrevistas em sua coluna no jornal *L'Europeo*.

Dois modos de abordagem tão distintos quanto eficazes e, ao mesmo tempo, revestidos de absoluta singularidade: Oriana Fallaci será analisada por meio da coleção

de suas entrevistas publicadas em diferentes obras disponíveis no mercado e Roberto D'Ávila, principalmente, a partir da entrevista que nos concedeu especialmente para este trabalho, a qual divulgaremos em anexo.

Finalmente, apresentaremos nossas conclusões procurando demonstrar a relevância do gênero, apontando os elementos que, ao nosso ver, são fundamentais para o estabelecimento de uma comunicação eficaz entre o jornalista e o entrevistado e que tenha, como resultado, um autêntico diálogo a ser compartilhado pelo público.

2. A Entrevista Jornalística

Instrumento de pesquisa do repórter, a entrevista pode ser vista como uma ferramenta básica para a construção do texto jornalístico. É por meio de perguntas e respostas que se obtém dados para a construção de um texto corrido que tanto pode conter declarações citadas entre aspas, quanto veicular a informação preservando a fonte. Contudo, quando estas mesmas perguntas e respostas, são estruturadas de modo aparente, transformam-se em entrevista, gênero e estilo singular de se fazer jornalismo.

Na opinião do professor da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC Nilson Lage, a palavra entrevista é ambígua: pode se entender como a matéria publicada, como também o diálogo com a fonte. Tramontina lembra que todo entrevistador faz perguntas. Mas “cada um desenvolve um estilo próprio, prepara-se de maneira diferente e usa de variadas estratégias para conseguir boas respostas” (TRAMONTINA,1996 p. 15), pois não há boa entrevista sem bom entrevistador. Nilson Lage define a entrevista como:

Gênero de apuração baseado em coleta de informações e interpretações diretamente com o entrevistado. Gênero jornalístico que consiste em apresentar, sob forma de notícia, perguntas- e- respostas ou redação discursiva, com ou sem dados ou perfis biográficos, o depoimento do entrevistado. (LAGE, 2001, p.57)

Vista por alguns como uma arte rebelde, tecida pelas canetas, microfones e gravadores de alguns jornalistas, considerada por outros como produto de uma boa conversa, a entrevista é um gênero que requer técnica e capacidade profissional pois se não for bem conduzida, resultará em fracasso.

"Entrevistar não é somente fazer uma pergunta, esperar uma resposta e juntar à resposta outra pergunta. É um exercício profissional trabalhoso e ingrato”, afirma Luiz Amaral (AMARAL,1997¹)para quem, a medida em que cresce o interesse em entrevistar uma pessoa, crescem as dificuldades para consegui-lo.

Para Fábio Altman, "a entrevista é a essência do jornalismo, um gênero que transforma o cidadão comum em líder, dono da palavra”(ALTMAN,1995, p.15). Joseph

¹ <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/da130320024.htm>

Folliet ensina que o gênero “exige muita intuição, delicadeza, perfeito conhecimento do assunto, do entrevistado, de sua vida e de sua obra, uma grande probidade – um exterior, enfim, que inspire confiança e incite à confidência” (FOLLIET *apud* AMARAL, 1982,p. 82).

Percebe-se, assim, que a entrevista não pode ser vista apenas como uma ferramenta técnica, algo que serve para arrancar do outro uma declaração que legitima e avaliza publicamente opiniões já estabelecidas. Ela não deve ser usada como um meio de sustentar o que o repórter e o veículo pensam e que, portanto, desejam ouvir de alguma fonte autorizada. A entrevista é uma atividade humana que propõe o diálogo interativo entre pessoas, cada qual com sua trajetória, cultura, opiniões, incertezas e conflitos. Muitas vezes, entrevistar é dar um salto no escuro.

2.1. Notícia e Reportagem

“A narrativa não é privilégio da arte ficcional”. (SODRE & FERRARI, 1986, p. 11) Para os autores o jornalismo tem uma narrativa própria regida pela realidade, ao contrário da literatura que a constrói a partir do imaginário. Assim, ao responder as clássicas perguntas que (in)formam a notícia, o jornalista está construindo uma narrativa que, embora sem requintes estéticos, deve atrair o olhar do leitor para o fato relatado.

Falam os autores que os gêneros jornalísticos – aí incluídos a reportagem, a entrevista, o perfil, o artigo. A crônica e o editorial – constituem-se em “formas-narrativas do veículo impresso”, diferenciando-se entre si justamente pelo tratamento narrativo que lhes seja dado.

Nesta perspectiva, a notícia seria a matriz, “o germe”, que carrega em si “a potencialidade de uma narrativa”. Cabe à notícia registrar acontecimentos tornando público fatos, por meio de informações. Noticiar, portanto, “seria o ato de anunciar determinado fato e independente do número de acontecimentos que possam ocorrer, só serão notícia aqueles que forem anunciados”.

Segundo Lipman “As notícias costumam limitar-se a descrever sinais, mais do que analisar seus significados” (LIPMAN *apud* SODRE & FERRARI, 1986, p. 18), ou seja, a notícia registra os aspectos referenciais do fato de modo a satisfazer o interesse imediato do leitor.

A notícia tem ainda como fator determinante de sua caracterização e existência, o tempo. Se o fato relatado não for recente e anunciado de imediato, sua circulação está comprometida. Na atualidade da notícia reside a principal diferença deste gênero e das demais modalidades de informações.

E é na questão da atualidade que reside uma das principais diferenças entre a notícia e a reportagem: como cabe a esta ampliar as informações sobre determinado fato, indo além do simples registro do ocorrido para expor ao leitor as circunstâncias em que o mesmo ocorreu, embora a reportagem não prescindida de atualidade, ela não terá o mesmo caráter imediato da notícia.

A reportagem leva o leitor a um posicionamento crítico a respeito do ocorrido, o que só é possível a partir de uma pesquisa aprofundada o suficiente para iluminar aspectos dos fatos que, se já estavam registrados na notícia, serão detalhadamente reportados no gênero.

Considerada como “o lugar por excelência da narração jornalística”(SODRE& FERRARI,1986, p. 9) a medida em que apresenta personagens, ação dramática e descrições de ambiente, a reportagem, distingue-se da literatura “por seu compromisso com a objetividade informativa”. Para os autores, a reportagem tem que despertar interesse humano e por isso adota um tratamento, ou abordagem, que privilegia, ao lado da objetividade dos fatos narrados, a humanização do relato num texto de natureza impressionista.

Um grande assunto sempre é notícia, mas para se transformar em reportagem precisa apresentar um conflito humano que possa ser transformado em narrativa dramática. Ainda que imponha-se ao redator um estilo direto, sem comentários, a humanização do relato filtrada pelas impressões de um outro indivíduo, diminui a distância entre leitor e o acontecimento.

Assim, “diretamente ligada à emotividade, a humanização se acentuará na medida em que o relato foi feito por alguém que não só testemunha a ação, mas também participa dos fatos.”(SODRÉ & FERRARI, 1986, p. 15) O repórter é aquele “que está presente” e portanto, seu relato preciso, é garantia de veracidade e verossimilhança.

No caso da entrevista os fatos são narrados tendo como foco a personagem. Neste gênero a ação dramática dá lugar “à descrição (interior ou exterior)” de uma pessoa. Em tal narrativa o focalizado é o protagonista e, geralmente, a história contada é

a história de sua vida ou de um aspecto dela.

Seja uma celebridade, seja uma pessoa comum, o repórter compartilha com ela um determinado momento, ao vivo ou não, mantendo-a no centro da narrativa e deixando que se pronuncie livremente. O resultado desse discurso é transformado numa entrevista por meio da qual se transmite ao leitor a experiência vivida.

2.2. Tipos de Entrevista

Segundo o professor Nilson Lage, independente do tipo que a entrevista vem a ter, o objetivo da mesma pode ser dividido em 4 categorias: “ritual, temática, testemunhal, em profundidade”. (LAGE, 2001, p. 74)

O objetivo ritual é atingido quando o jornalista em uma entrevista curta, muitas vezes em pé, consegue uma declaração surpreendente. Na entrevista temática o jornalista procura a pessoa que domina um determinado tema. Será testemunhal quando o entrevistado discorra sobre algo que presenciou. Finalmente será uma entrevista em profundidade quando o foco seja o próprio entrevistado.

Já quanto a forma, a entrevista pode assumir uma variedade de tipos conforme o número de pessoas envolvidas na entrevista, o tempo disponível para entrevistar, a função de apoiar a elaboração de uma reportagem, a intenção de revelar um retrato aprofundado de um personagem ou o estilo adotado pelo jornalista ao entrevistar.

Para Luiz Amaral existem apenas dois tipos de entrevista: a de informação ou opinião – “quando entrevistamos uma autoridade, um líder ou um especialista” – ou a de perfil – “quando entrevistamos uma personalidade para mostrar como ela vive” – (AMARAL, 1987, p. 81) Em ambos os casos, o jornalista é sempre um intermediário representando seu leitor diante do entrevistado. Já para Gabriel Bauducco, existem 9 tipos de entrevistas, sobre as quais passamos a discorrer.

O perfil revela o retrato do personagem. Expõe a trajetória de sua vida ou obra ou parte das mesmas. Nela o jornalista não se limita a relatar os fatos objetivos, mas transmite também para o leitor sentimentos expressos pelo entrevistado, assim como sensações que o jornalista percebe. A história é a pessoa em si e o jornalista precisa estar atento à detalhes, ao ambiente, a linguagem não verbal, manifesta no modo como a pessoa se veste, seus gestos, sotaque, etc.

Uma variante do perfil é a entrevista pingue-pongue, que também tem por objetivo apresentar um personagem. No entanto este estilo é caracterizado por perguntas curtas que não buscam aprofundar o assunto após a resposta, ou seja, a próxima pergunta geralmente será sobre outro tema. Conforme o jornalista o pingue-pongue pode parecer tanto um interrogatório direto quanto uma conversa bem humorada e um tanto superficial. Para o leitor é um modo agradável e de fácil compreensão sobre um aspecto da personalidade de uma pessoa, ou sobre algo que o personagem tenha realizado, sendo um estilo adotado por várias revistas para a realização de longas ou curtas entrevistas.

A entrevista de opinião busca conhecer de modo objetivo os pontos de vista de diferentes profissionais, sejam eles economistas, médicos, pensadores filósofos, enfim pessoas com as quais o jornalista pretende dialogar para conhecer em profundidade as opiniões que a pessoa tenha sobre um determinado tema e contexto.

A entrevista informativa é elaborada a partir de questões específicas com especialistas que dominem determinados campos do conhecimento, como por exemplo, petróleo e gás, medicina nuclear, a fim de municiar o jornalista com informações necessárias para construção de um texto mais extenso sobre o assunto em questão.

Na entrevista de demonstração, o que o jornalista pretende obter é a declaração testemunhal a respeito de fatos ocorridos. Assim, por exemplo, no caso de um grave acidente de carro, o jornalista entrevistará no local do acidente, policiais, bombeiros, transeuntes e vítimas sobreviventes, com o objetivo de elucidar os fatos.

Na conferência de imprensa o jornalista participa com outros profissionais de uma entrevista coletiva, na qual uma ou mais pessoas se pronunciam. Por exemplo, a coletiva pode ser de um membro do governo anunciando uma nova política econômica, ou da seleção brasileira com o técnico e alguns jogadores. Na conferência o jornalista fará alguma pergunta e utilizará também a resposta ao que seus colegas questionarem. Como raramente podem se fazer mais de duas ou três perguntas, é fundamental que as mesmas sejam curtas e precisas.

As enquetes geralmente são feitas para medir a opinião da sociedade a respeito de problemas coletivos, ou temas polêmicos que atingem a todos. Nela não se pretende particularizar o entrevistado, mas definir a que grupo pertence, gênero, idade, profissão, renda, dentre outros. Temas como segurança pública, inflação, drogas, educação, entre

outros, costumam ser tema de enquetes que pesquisam a visão momentânea da sociedade sobre os mesmos.

Na entrevista com mais de um personagem ao mesmo tempo, o jornalista dialoga simultaneamente com os mesmos, sobre um mesmo tempo, provocando o confronto das idéias por meio de um debate. Esse tipo de entrevista requer do entrevistador, bom conhecimento sobre o tema e bastante habilidade para conduzir a conversa.

Bauducco define a entrevista por agressão como aquela em que o profissional aborda o entrevistado de modo inesperado, geralmente em vias públicas. Por exemplo, aguardando a saída de uma celebridade de um restaurante, ou evento. Para o autor “não há julgamento ético envolvido, basta contar o mecanismo e as circunstâncias que ocorrem nessas entrevistas”. (BAUDUCCO, 2005²)

2.3. Técnicas de Entrevista

Ainda que muitos defendam a entrevista como arte que resulta de uma boa conversa, por tratar-se de uma atividade profissional que destina-se a variados e diferentes meios de comunicação, entrevistar demanda o uso de procedimentos técnicos voltados à obtenção de resultados objetivos. Há diferenças significativas entre a entrevista impressa e as realizadas para rádio e televisão, e, entre elas, se forem ao vivo ou gravadas. Para Thaís Oyama a entrevista radiofônica é algo “difícilimo”, porque “as características do veículo não permitem que se escolha o entrevistado com base nos critérios utilizados no jornalismo impresso e mesmo na TV”.(OYAMA, 2011, p.54) Milton Jung, âncora do programa CBN São Paulo da rádio CBN e autor do livro “Jornalismo de rádio”, reitera: “O sujeito pode ser uma sumidade em determinado assunto, mas, se falar mal não serve”. (JUNG *apud* OYAMA, 2011, p.54) Ou seja, em rádio é necessário que tanto o jornalista como o entrevistador falem com clareza e objetividade o que diminui drasticamente as opções de convidados.

Todavia, seja qual for o veículo, os procedimentos usados, que não excluem a criatividade e a capacidade de improvisação, constituem-se a partir da relação do jornalista com o meio e se caracterizam por ser conscientes, reflexivos, inventivos e fundamentalmente individuais.

² Francisco Bicudo – CAROS AMIGOS – “A entrevista testemunho” – Quando o diálogo é possível, Observatório da Imprensa –site- edição 333 de 13/06/2005

Há pouca teorização a respeito da técnica de entrevista. Na década de 60, Annette Garrett escreveu sobre o assunto afirmando que a entrevista não pode ser reduzida a uma fórmula capaz ser aplicado às diversas situações. Para ela, "quando isso acontece, a entrevista deixa de ter aquele vivo interesse humano que a deve caracterizar, tornando-se assim monótona, mecânica e relativamente sem valor". (GARRETT,1964, p. 17). Para a autora, bom entrevistador é aquele que sabe ouvir.

Mas em que consiste um bom ouvinte? Aquele que frequentemente interrompe o entrevistado para dizer o que teria feito em circunstâncias semelhantes não é bom ouvinte. Também não o é aquele que permanece sentado, numa atitude inteiramente passiva. (GARRETT,1964, p. 74)

O tema também foi abordado por Cremilda Medina nos anos 90, para quem:

A entrevista é uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação. (MEDINA,1990, p. 5)

O historiador André Gattaz apresenta algumas reflexões bastante válidas para a atividade. Diz que como a condição necessária da entrevista é ser um diálogo, “sempre haverá um aprendizado para os dois lados”. Buscando construir uma teoria para a tarefa de pesquisas de campo, afirma ele que “somente a igualdade dá credibilidade `a entrevista”, mas que é a diferença que a torna relevante, pois o diálogo só se concretiza “em função da desigualdade de conhecimentos entre quem entrevista e o depoente”. (GATTAZ, 1996, p. 261)

Ainda na linha que privilegia a formação do entrevistador, citamos Raymond Blathwayt, que diz:

o entrevistador que conhece sua missão, aquele que realmente capta a mente da pessoa que está entrevistando, aquele que o coloca diante do público e não é um mero avalista de idéias mesquinhas, este homem preserva a história contemporânea. (BLATHWAYT *apud* ALTAMAN, 1995, p. 21)

Partindo da premissa exposta por Gattaz, de que o jornalista geralmente desconhece o entrevistado, ou conhece menos que o mesmo o assunto a ser tratado, é preciso estruturar a entrevista, cercar-se de cuidados para percorrer cuidadosamente os passos que o levarão com segurança a sua realização. Quem os descreve é Francisco

Bicudo em seu trabalho de 2005 sobre a entrevista-testemunho da revista Caros Amigos:

pensar a pauta, compreendê-la, adotar diante dela uma postura não autoritária, pesquisar, buscar dados e informações sobre o interlocutor e os assuntos sobre os quais ele irá falar, organizar um roteiro da conversa e saber que ele não é imutável. Apenas depois de cumprir esse percurso o jornalista pode jogar-se ao encontro com o entrevistado, onde, mais uma vez, precisa saber ouvir, perguntar, conversar, mostrar-se sensível, participar, rompendo com os padrões da entrevista impositiva e diretiva para estabelecer as condições de uma conversa que libera, flui, tem ritmo, tece o presente e garante a elucidação de seus acontecimentos. (BICUDO, 2005)

Estas duas etapas – pesquisa que resulte num roteiro e condução da entrevista - são seguidas, conforme o estudioso, pela decupagem do material gravado , “a edição do que é relevante ou interessante”, para ser concluído com a organização e redação final do texto.

Enfim, jornalistas e professores escrevem sobre estratégias a serem utilizadas, dão dicas do que se deve ou não fazer, relembram regras éticas, aconselham uma boa preparação, contudo, podemos pensar que o profissional construirá sua própria técnica ao longo da trajetória profissional.

2.4. O Ato de Entrevistar

Estruturada a entrevista, o profissional, munido da pauta que organizou, dados e tópicos relevantes, enfrenta a dinâmica da entrevista em si. O fato de ter buscado informações sobre o personagem, por vezes não impede que venha a ser surpreendido por peculiaridades pessoais que não são, necessariamente, registradas na biografia das pessoas. Assim é que , apenas no contato direto será possível perceber ate que ponto o entrevistado esta disposto a se “entregar”, se deixar “seduzir” pelo entrevistador. Pode ocorrer de a pessoa ter sido agendada por assessores ou produtores e não ter disposição para o diálogo.

O entrevistado pode, igualmente, ser pessoa de grande conhecimento, como alerta Bicudo, mas não ter desenvoltura para conversar e transmitir o que sabe. Por outro lado, o jornalista pode se deparar com alguém vaidoso, “que vê a entrevista como um momento de glória ou como se estivesse num divã, situação que demanda do profissional habilidade e ética na tomada do depoimento”. (BICUDO, 2005)

E mesmo preparado, o entrevistador precisa estar atento ao modo de tratamento empregado, sem excessiva cerimônia que o distanciara do entrevistado, mas sem faltar com o respeito que, por vezes, a função, o cargo ou a própria idade demanda.

Com saber se o entrevistado está mentido? Não é possível saber, a não ser por um apurado *feeling* ou pela experiência. E como perguntar? Fábio Altman diz que “perguntas frouxas e equivocadas pressupõe respostas no mesmo teor.” E ainda infere que “a inteligência das questões e a descoberta do mote correto podem transformar conversas inócuas em grande depoimentos.” (ALTMAN, 1995, p.21)

Ao lado destas questões de ordem subjetivas, há todo um aparato material a ser observado no exercício da atividade no que tange ao modo serão coletadas as informações. Cada jornalista costuma se sentir mais a vontade com um ou outro método e acaba por desenvolver um modo próprio de documentar a conversa, mas são vários os instrumentos que podem ser usados para tanto.

Fazer anotações permite registrar comportamento, ambiente, mas limitam o detalhamento e podem interromper a fluência e distrair o entrevistado. São necessárias quando o entrevistado recusa-se a gravar. Anotações sobre questões centrais, dúvidas, detalhes que não tenham sido verbalizados ou mesmo idéias que surjam e possam ser esquecidas devem ser feitos, inclusive quando há gravação.

A gravação da conversa possibilita o registro literal e integral, oferecendo segurança para ambos os lados. É aconselhável deixar claro que a conversa será gravada. Para perceber se o entrevistado não se sente constrangido. É interessante deixar o gravador em local visível, mas discreto ao olhar. O gravador possui a vantagem de evitar perdas de informação, minimizar distorções, permitindo fazer anotações sobre aspectos não verbalizados. Convém transcrever com rapidez para aproveitar melhor o conteúdo, pois o ambiente e as respostas estão mais vivos na memória e a contextualização é imediata, facilitando a estruturação do texto final.

A entrevista por telefone tem a vantagem da agilidade e de permitir o acesso a pessoas distantes. Pode ser gravada, interrompida ou retomada conforme a conveniência. É útil para complementar questões pendentes, tirar dúvidas ou obter informações simples, que ajudem a completar o quadro em análise. Apesar disso, impede de perceber as reações do entrevistado, criar proximidade, obter a relação de cumplicidade que a entrevista face a face oferece.

Atualmente a entrevista por e-mail, via Internet, é considerada a forma mais fácil de perguntar e mais difícil de obter boas respostas. Pode ser particularmente útil para informações objetivas, mas, geralmente não permite a discussão e o aprofundamento essencial na entrevista.

Independente do modo como seja feita a entrevista, é na sua condução que o profissional será colocado a prova.

uma conversa mal conduzida, feita de maneira apressada e apenas para cumprir tarefa burocrática, que produz dois ou três rabiscos num bloco de anotações, pode fazer com que o jornalista perca mais alguns fios de cabelo. Na redação, ao sentar para escrever a matéria, ele descobre que simplesmente não a tem, pois suas anotações são insuficientes para preencher as tais das linhas que ele deve produzir para aquela edição do jornal. (BICUDO,2005)

O entrevistador precisa estar no comando do diálogo mas isto só acontecerá se ele estiver bem-informado. O ideal é que a entrevista transcorra espontaneamente, com cada resposta permitindo a pergunta seguinte. Afirma Carlos Tramontina que a estratégia mais produtiva é aquela baseada na informação pois “jamais um entrevistado experiente conseguirá fugir das perguntas ou esconder os fatos se diante dele estiver sentado um entrevistador cheio de informações”. (TRAMONTINA, 1996, p.215)

Finalmente, o entrevistador não deve ter vergonha de perguntar tudo o que precisa saber, pois caso contrário escreveria um texto incompleto. Para Boris Casoy, "O bom profissional é uma pessoa inteligente, que participa, lê e consegue captar quais são as indagações do telespectador". (TRAMONTINA, 1996, p.75)

Feita a entrevista e, geralmente, são horas e horas de conversa, chega o momento de dar forma final ao material coletado. Editar, juntar trechos, tirar as repetições, encadear os pensamentos expressos, eliminar os excessos e medir o grau da própria ingerência.

é preciso que a transcrição vá além da passagem rigorosa das palavras da fita para o papel. A transcrição literal, apesar de extremamente necessária, será apenas uma etapa na feitura do texto final. (GATTAZ,1996, p.263)

O autor explica que é importante transferir para a edição final “a atmosfera da entrevista, seu ritmo e principalmente a comunicação não-verbal nela inclusa”, as emoções do personagem, sua entonação de voz e gestos.

A transcrição do material gerando um primeiro texto bruto. A partir deste, acontece a edição propriamente dita, que requer a habilidade para melhorá-lo, organizá-lo e ajustá-lo, ao mesmo tempo em que se garante que não se altere o nem o pensamento, nem o modo de falar do entrevistado. Deste trabalho de edição surge um novo texto que deve culminar com a leitura da entrevista pelo próprio entrevistado,

não só como meio de checar se está fiel às suas idéias, mas também para dirimir problemas de caráter ético e mesmo jurídico. (...) Chamamos esta última etapa de conferência e legitimação, quando o colaborador comenta a entrevista. (GATTAZ,1996, p.266)

É somente então que a entrevista esta pronta para ser publicada e chegar aos leitores.

2.5. Ética e Legalidade na Entrevista

Entrevistas publicadas transformam-se em documentos históricos, uma vez que apresentam testemunhos, opiniões, fatos. Daí a decorre a necessidade da ética profissional do jornalista que, pela prática diária, sabe conduzir uma entrevista levando o entrevistado a se abrir, as vezes, ate mais do que pretendia. O grande problema disso é que o jornalista trabalha contra o tempo e, pela pressão dos prazos da redação, da urgência da difusão da notícia, as vezes deixa de lado o rigor no trato da entrevista.

Segundo Joëlle Rouchou, “a relação entre o entrevistado e o jornalista deve basear-se em princípios mínimos de civilidade”. (ROUCHOU, 2000) O comportamento ético do entrevistador é objeto de reflexões.

{...}quando fazemos uma entrevista, invadimos a privacidade de outra pessoa e tomamos seu tempo. {...}meus colaboradores – os estudantes – me pediram: ‘Ensine-nos a fazer entrevistas’. {...} A única técnica que me ocorreu foi: ajam com educação. (PORTELLI, 1996³)

Uma entrevista tanto pode pôr fim a uma carreira quanto trazer à tona novos artistas e figuras públicas e por isso carrega consigo um significativo componente ético. São muitos os elementos a se considerar: a escolha do entrevistado, a preparação da entrevista, a profundidade da pesquisa, a condução do diálogo, a disposição de, efetivamente, dialogar ou a opção por fazer pegadinhas. O comportamento arrogante ou

³ PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo** [Revista do Departamento de História da UFF], n.2, dez. 1996, p.53-72.

agressivo do jornalista, a edição da matéria final e os critérios usados para a seleção de trechos de falas, o espaço que a entrevista terá na publicação. Destes critérios e escolhas éticas adotadas pelo jornalista depende a qualidade final da entrevista. Um tema ou um perfil pode ser nebuloso, distorcido e equivocado, ou ser um trabalho ético que abre horizontes, e bem informa o leitor.

Vítimas de entrevistas deturpadas ou fraudadas, nos Estados Unidos, podem recorrer ao Centro Nacional das Vítimas, com sede no Texas, que defende os seguintes direitos dos entrevistados:

1. De dizer não a um pedido de entrevista.
2. De escolher um porta-voz ou um advogado da sua preferência.
3. De escolher a hora e o local para entrevistas.
4. De requisitar um repórter de sua escolha.
5. De recusar entrevista a um repórter específico, mesmo que você tenha prometido entrevistas a outros repórteres.
6. De dizer não a uma entrevista mesmo que você tenha dito anteriormente que daria entrevistas.
7. De excluir crianças de entrevistas.
8. De não responder perguntas que julgue desconfortáveis ou inapropriadas.
9. De saber com antecedência quais direções a história vai tomar.
10. De pedir para rever suas declarações antes da publicação.
11. De recusar coletivas de imprensa e falar com cada repórter por vez.
12. De pedir retratação quando informações imprecisas forem reportadas.
13. De pedir que fotografias ou imagens ofensivas sejam omitidas na publicação ou não levadas ao ar.
14. De dar entrevistas na televisão mostrando apenas a silhueta ou solicitar que sua foto não seja publicada.
15. De se recusar a responder perguntas de repórteres durante julgamentos.
16. De processar um jornalista.
17. De sofrer na privacidade.
18. De ser tratado com dignidade e respeito pelos meios de comunicação. (COSTA, 1991, p.206)

O repórter precisa levar em conta o direito do entrevistado e toda entrevista deve ser realizada nos moldes do *fair play*, o jogo limpo, a transparência do jornalista com seu entrevistado e seu público.

3. A Entrevista no Brasil

Ao longo dos séculos XVIII e XIX o jornalismo mais desenvolvido, tanto no que se refere ao número de publicações, a quantidade de exemplares e à narrativa empregada, era o praticado na Inglaterra. Contudo, Carla Mühlhaus identifica os Estados Unidos como o berço do jornalismo moderno e atribui esta renovação a história independente daquela nação: “a história do jornalismo é a história da longa batalha do homem pela livre comunicação com seus semelhantes. (MÜHLHAUS, 2007, p.22).

No Brasil, o veto à atividade da imprensa só foi levantado com a vinda da Família Real em 1808 e, ainda assim, para ser praticada com caráter oficial. A exceção ocorrida naquele longo período, foi a experiência pioneira de Hipólito da Costa com seu *Correio Brasiliense* impresso em Londres para fugir da censura real.

No início do século XX, a experiência de João do Rio - pseudônimo de Paulo Barreto -, inaugurou o gênero de entrevista literária no país, reunindo em livro depoimentos de escritores da época. Dotado de apurado *feeling*, João do Rio constata as transformações no modo de vida ocidental decorrentes da riqueza propiciada pela industrialização e diagnostica: “o público quer uma nova curiosidade. A curiosidade, o apetite de saber, de estar informado [...] Não se quer conhecer as obras, prefere-se indagar a vida dos autores.” Na releitura de Carla Mühlhaus, o jornalista falava de “uma curiosidade que diz menos do impulso de aprender do que do desejo de conhecer os segredos e os negócios alheios”. (MÜHLHAUS, 2007, p. 23)

Contudo, até a segunda metade do século XX, jornalismo e literatura se confundiam. Muitos jornalistas eram também romancistas que buscavam no exercício diário do jornalismo uma fonte de renda mais estável. Para Ana Paula Goulart Ribeiro “o jornalismo, como atividade mais próxima – que neste momento permitia o livre desenvolvimento dos estilos pessoais-, era uma escolha natural para muitos deles”. (RIBEIRO, 2003⁴)

O texto que prevalecia naquele momento era o que Lima Barreto cunhou como “literatice” e Joaquim Ferreira dos Santos definiu como “um texto autoral muito ruim, uma baixa literatura” pois, até então, continua explicando, “o jornalista queria imitar

4

http://www.latinoamericano.jor.br/aulas/JORN_INF/moderniza%C3%A7%C3%A3o_imprensa.pdf

quem ele considerava grande autor e tinha vergonha do texto jornalístico” (MÜHLHAUS, 2007, p.29).

Curiosamente, a propaganda produzida no início de século XX, quanto a eficácia de produtos, antecipava nos anúncios publicados, o método documental de entrevistas que confere importância - até então desconhecida - aos depoimentos de figuras públicas.

Nos periódicos seguia-se o modelo francês, muito próximo da literatura. Os gêneros mais praticados eram a crônica, o artigo polêmico e o de fundo, por permitirem o livre exercício da opinião. A imprensa tinha como tradição a discussão polêmica e a crítica arraigada e doutrinária, que a caracterizava mais como um espaço “de comentário pessoal e da opinião” do que da transmissão da informação objetiva e imparcial. Alceu Amoroso Lima definia o jornalismo como “um gênero literário de apreciação de acontecimentos” (LIMA *apud* RIBEIRO, 2003)

Por outro lado como não se prestava à transmissão da notícia e sim da opinião, a maioria dos diários acabava consistindo em instrumento de diferentes grupos políticos em disputa pelo poder local. Por volta dos anos 1940, a imprensa brasileira se debatia entre ser porta-voz do Estado e de grupos políticos que a financiava ou ser a instância “fundamental de divulgação da obra literária e de construção de reconhecimento social dos escritores”.(RIBEIRO, 2003)

A partir da segunda Guerra Mundial, na década de 1950, o jornalismo empresarial começa a substituir o político literário e o modelo americano e suas técnicas de pirâmide invertida, manual de redação e copidesque, entre outras, são absorvidas.

Para o historiador Nelson Werneck Sodré isto já era um claro indício de transformação da imprensa: “o folhetim é substituído pelo colunismo e, pouco a pouco, pela reportagem; o artigo político, por sua vez, cede espaço à entrevista; a informação, enfim, predomina.” (SODRÉ *apud* MÜHLHAUS, 2007, p. 29).

As práticas discursivas do jornalismo norte americano vão sistematizando a imprensa brasileira que passa a ter uma linguagem mais seca e forte, diminuindo o número de palavras e adjetivos, o que deixava as mensagens mais claras e facilitava a comunicação com o leitor. Produto empresarial, o jornal passa a ter regras de um discurso próprio no qual o uso da terceira pessoa torna-se obrigatório e as novas técnicas enfatizam a notícia em conformidade com os novos tempos de uma sociedade

que se adaptava ao ritmo vertiginoso da reconstrução e do progresso do pós-guerra.

Essa modernização, além dos padrões editoriais, introduziu também na perspectiva visual e gráfica uma grande transformação. Manchetes e títulos passaram a ser padronizados, criaram-se boxes, valorizou-se como vitrine a primeira página e enfim adotou-se uma estética baseada no princípio da funcionalidade característico do modernismo. Esse conceito atingiu também o foto-jornalismo, que deixou de ser mera ilustração dos textos, passando a ser concebido como informação instantânea e flagrante dos fatos.

Mas será apenas ao final da década de 1960 que no Brasil se adotará o “*human touch*” ou “toque humano” do *new journalism* norte americano que, ao permitir e requerer a percepção do ambiente e da linguagem não verbal descritas com liberdade literária, além da informação precisa, objetiva e imparcial na elaboração do perfil da personagem retratada, inaugura um “novo jornalismo” local.

Originado na obra *A sangue frio* de Truman Capote – e nas entrevistas da revista *Esquire* conduzidas por Tom Wolf, Gay Talese, Norman Mailer, Lillian Ross, Jimmy Breslin e John Sack, o gênero, capaz de revelar diferenças sócio-culturais por meio do relato de cenas da vida das pessoas - testemunhadas pelo jornalista enquanto aconteciam -, somados aos diálogos realistas que envolviam e impressionavam o leitor, acabou por estabelecer a entrevista como algo nitidamente diferente das matérias factuais, de interesse imediato.

A liberdade de experimentação literária que permitia, ao jornalista, transmitir, também, a essência emocional do tema abordado e, ao leitor, fazer uma leitura multifacetada da realidade, gerou o que Sergio Vilas Boas define como a grande-reportagem, “a que combina a fidelidade ao mundo real e a melhor técnica literária.” (VILAS BOAS, 1996, p.2).

A criação da revista *Realidade*, em 1966, representou o marco brasileiro do “novo jornalismo”. A cobertura ampla, sem restrição de temas, a abordagem incluindo aspectos emocionais da questão, a particularização dos acontecimentos a partir de seu contexto, o uso do texto personalizado por variadas técnicas literárias, o tempo de apuração e redação, enfim, a revista apresentou um novo mapa da realidade contemporânea e revelou-se como grande êxito editorial. Sergio Vilas Boas informa que “o sucesso foi tão grande que em um ano sua tiragem dobrou de 251.250 para 505.300

exemplares.” (VILAS BOAS, 1996, p.2).

Para Muniz Sodré, o “novo jornalismo” redefine a técnica do jornalista, e portanto do gênero entrevista, como “um estilo que fica a meio caminho entre o discurso denotativo e a literatura, combinando, às vezes, os dois sistemas”, de modo a conciliar “isenção e encantamento”. (SODRÉ, *apud* VILAS BOAS, 1996, p.2).

Desse modo, a entrevista foi ganhando espaço nos jornais e revistas brasileiros, tendo, nos anos 1980, as revistas *Veja e Isto é*, criado suas “páginas” amarelas e vermelhas como espaço nobre a veicular entrevistas que galvanizavam a atenção do país e auxiliavam a disseminar o gênero, e o gosto pelo mesmo, entre os leitores. José Castello relata: “a Playboy tem uma larga e importante tradição de entrevistas longas, Mas os jornais também. O Estadão criou os célebres “Encontros Notáveis”, grandes entrevistas publicadas no Caderno 2”. (CASTELLO *apud* MÜHLHAUS, 2007, p. 37) E realmente, era raro o órgão que deixasse de trazer ao menos um perfil semanal em suas páginas: JB, Folha de São Paulo, O Globo, além dos veículos ditos alternativos como O Pasquim e Opinião, dentre outros.

Criado por um grupo de jovens jornalistas cariocas em 1969, período mais duro da ditadura militar, “O Pasquim” era um jornal crítico e intelectualizado e ao mesmo tempo irreverente e bem humorado. Inteligente, reunia reflexões, propunha soluções, fazia denúncias, ria das desgraças do povo brasileiro, falava sobre futebol, música, cinema e muitos temas desafiadores para a época, como, feminismo, sexo e divórcio.

“O Pasquim” fez um grande sucesso no Brasil. Tinha uma linguagem diferente que mexeu muito com o jornalismo. Até o “O Pasquim” o jornalismo no Brasil era muito rígido, o palavrão quando bem empregado não tem problema nenhum, mas empregado de uma forma leviana fica feio para o leitor. No “O Pasquim” não, porque você sabia que encontraria essa linguagem[...] (D’ÁVILA 2013⁵)

De uma tiragem inicial de 20 mil exemplares, chegou a atingir mais de 200 mil em meados dos anos 1970, a medida em que a população o identificava como porta-voz da indignação da sociedade contra a repressão. Alvo de bombas, a publicação sofreu vários empastelamentos, vivia sobre censura permanente, tendo sido várias vezes recolhido das bancas. Em 1970 a redação inteira do jornal foi presa por mais de 3 meses, período em que continuou a circular sob editoria de Millôr Fernandes, que não havia sido preso, com a colaboração de artistas e intelectuais cariocas, como Chico

⁵ Roberto D’Ávila em entrevista cedida à autora em 2013

Buarque e Antonio Callado. “O Pasquim” foi o principal veículo de imprensa alternativa no Brasil e influenciou definitivamente a chamada grande imprensa, levando-a a adotar, em especial, técnicas de entrevista mais criativas.

A partir dos anos 1990, o gênero ganha espaço privilegiado nos veículos de radiodifusão, com a inclusão de vários programas de entrevista aprofundada nas grades de programação dos canais de TV. Assim, ao lado de José Hamilton Ribeiro, Joel Silveira, Rubem Braga, Zuenir Ventura, Flávio Tavares, Washington Novaes, Lucas Mendes, Audálio Dantas e Domingos Meirelles, dentre outros expoentes do *New Journalism* no Brasil, aprendemos a ver e ouvir os *talk shows* - ou conversas espetaculares – conduzidas por Jô Soares, Marília Gabriela, Roberto D’Ávila, Hebe Camargo e a refletir sobre a notícia trazida pelos entrevistados de Alexandre Garcia, Boris Casoy, Joelnir Betting, dentre outros, no contexto dos telejornais.

Atualmente, na mídia impressa destaca-se a alternativa “Caros Amigos”. Com uma estrutura de funcionamento que se baseia na colaboração voluntária de diversos intelectuais, a revista realiza entrevistas mensais de fôlego, com convidados escolhidos a dedo, seguindo uma dinâmica criada pelo “O Pasquim”. As entrevistas são no formato de mesa-redonda. Da profusão de vozes nasce a riqueza do material. São horas e horas de conversa que demandam uma edição esmerada. O estilo permite o contraditório e a contestação e, sem tantos filtros, a elaboração de raciocínios mais completos e complexos. Na prática, obtém um jornalismo menos burocrático, preocupado com o debate plural de idéias e versões em torno de questões relativas a direitos humanos, justiça social, ética e construção da cidadania.

Hoje, a popularização de aparatos eletrônicos decorrentes da convergência digital, aliada a mais de 60 anos de cultura audiovisual e da influência da entrevista como narrativa jornalística, podemos concordar com Joaquim Ferreira dos Santos e dizer que no Brasil somos, não apenas “um país inteiro de entrevistados” como também, cada vez mais, um país de entrevistadores. (SANTOS *apud* MÜHLHAUS, 2007, p. 36).

3.1 Grandes Entrevistas

Se for para dimensionar as consequências históricas no Brasil, talvez possamos atribuir a Carlos Lacerda e Samuel Wainer, com suas entrevistas-bomba com José Américo e Getúlio Vargas, relativamente ao Estado Novo, assim como à Luis Costa

Pinto, Mário Sérgio Conti, Tales Alvarenga e Paulo Moreira Leite entrevistando Pedro Collor, mais recentemente, o epíteto de maiores entrevistadores políticos brasileiros. A primeira entrevista citada teve como consequência o fim da ditadura getulista, enquanto que a segunda trouxe o ditador novamente ao poder, anos depois. Já a entrevista de Pedro Collor à revista *Veja* em 1992, não apenas derrubou o primeiro presidente eleito por voto direto após a ditadura militar, como expôs até o osso os esquemas de corrupção que sangravam o país naquele momento.

Carlos Lacerda, grande ensaísta e astuto político, tem, na visão de Fabio Altman, seu melhor momento como jornalista ao entrevistar José Américo de Almeida, ministro de Getúlio Vargas que, em 1937 com a decretação do estado novo, afastara-se do governo transformando-se em ferrenho opositor da ditadura getulista.

Bebendo nos cânones do novo jornalismo, Lacerda estrutura a entrevista retratando José Américo como um homem de família, que morava “na paz das samambaias umbrosas, junto a massa do Corcovado ao fundo da pequena rua”, expõe um temperamento “modesto e tímido”, para em seguida apresentá-lo como um nacionalista convicto, guiado por um “compromisso perante a opinião nacional” e absolutamente verdadeiro. Habilmente Lacerda vai intercalando comentários sobre o estado emocional e a estatura moral do entrevistado com a edição de falas do mesmo resultando num implacável e demolidor discurso anti-getulista. O entrevistador organiza racionalmente os argumentos do ex-ministro, de modo a construir uma escalada crítica que expõe todas as fragilidades de Vargas desde os aspectos pessoais e políticos, até detalhes administrativos da gestão em curso, ressaltando programas mal sucedidos, apontando aspectos de desorganização e desaparelhamento do estado e atribuindo tais fatores ao despreparo, incapacidade de planejamento e falta de confiança e apoio político de Vargas. Em meio a elegante enumeração de falhas, Lacerda extrai do político uma análise da conjuntura mundial, então em guerra, passando ao leitor a gravidade do momento e a responsabilidade em torno da eleição do novo presidente, levando o convidado a afirmar que “se no decorrer de tantos anos, com a soma de poderes que nenhum governante enfeixou no Brasil”, Vargas não teve sucesso, com certeza, em meio ao caos e as dificuldades da guerra, a eleição de Getúlio seria inviável pois levaria o país a uma estagnação. O jornalista é tão perspicaz que leva o ex-ministro à destruir a grande obra de Vargas no campo trabalhista - reconhecida e admirada até

hoje -, dizendo que a mesma “não produz os benefícios apregoados” por estar atrofiada pela burocracia. De modo maniqueísta, a entrevista, ao mesmo tempo desmerece o ditador e o povo, chamando a um de tutor e ao outro de anestesiado, manobra retórica que, com certeza, mexeria com os brios dos formadores de opinião. Publicada no Correio da Manhã em 22 de fevereiro de 1945 e no O Globo, no dia seguinte, essa entrevista tirou Getúlio Vargas da cena política por quatro anos até que outra o regatasse.

“O Jornal”, dos Diários Associados de Assis Chateaubriand costumava vender a média diária de 9 mil exemplares. Em 3 de março de 1949, quando foi publicada a entrevista com o ex-presidente Getúlio Vargas, realizada pelo jornalista Samuel Wainer, “O Jornal” vendeu 180 mil exemplares e o ex-ditador viu seu nome entrar numa roda viva que o levaria novamente à presidência da república. A entrevista é muito interessante, chegando a conter traços de uma meta-entrevista, já que Wainer e Vargas alternam-se no papel de entrevistado e entrevistador. É saboroso o diálogo mantido entre os dois logo de início, quando Vargas fala: “Então, como vai o petróleo? Espero que não tenha vindo para me entrevistar”. No que é respondido pelo jornalista: “Não, Senador, vim conceder-lhe uma entrevista. Que deseja saber?” Este tom de xadrez mental perpassa tanto o diálogo mantido entre os dois, quanto o próprio texto de Wainer, que o inicia informando, de modo direto, a volta de Getúlio Vargas ao Rio de Janeiro “dentro de dois ou no máximo três meses”. Contextualizando o encontro na mítica fazenda gaúcha de propriedade de Getúlio, assim como as circunstâncias – ditas inesperadas - que o levaram até lá, Wainer desenvolve a entrevista como se fosse algo casual e aproveita o gancho da matéria que supostamente estava fazendo sobre triticultura no Rio Grande do Sul, para comparar Vargas a um “produto gaúcho altamente valorizado neste momento nos grandes mercados da política nacional”. Esse tipo de formulação intelectual causa muito gosto à Getúlio e repete-se de lado a lado ao longo da entrevista, sempre seguida pela “boa e alegre gargalhada” de Vargas, que segundo Wainer “quer dizer tudo e nada ao mesmo tempo”. A capacidade do jornalista em deixar à vontade seu entrevistado é tal que permite à Vargas resgatar sua imagem eliminando todos os pontos negativos que a entrevista de Lacerda lhe impingira. Defende uma eleição democrática, critica a política econômica do momento, resguarda o povo brasileiro de qualquer responsabilidade quanto às ações do governo e dos

partidos políticos, especula com grandeza sobre alianças e combinações políticas, mostra-se magnânimo com relação à seus antigos detratores e finalmente diz: “eu não sou propriamente um líder político. Sou isto sim, um líder de massas”, para concluir conclamando a defesa dos trabalhadores e a socialização da riqueza nacional. Esta verdadeira plataforma política é apresentada por Wainer de modo objetivo e elegante repassado pelo tom despretensioso de uma mera conversa, como se estivesse repassando ao leitor informações que por acaso recebera, mas às quais, garantia, eram absolutamente verdadeiras e inexoráveis: “essa, a última recordação que o repórter trouxe da hospitaleira fazenda dos Santos Reis, refúgio muito transitório do Senhor Getúlio Vargas”.(ALTMAN, 1995, 194)

Ao analisar em conjunto as entrevistas com José Américo, Getulio Vargas e Pedro Collor, a impressão que temos é que o Brasil perdera, entre aqueles e este, algo de sua inocência. Se antes os jornalistas acompanhavam os embates do fazer político, ao tempo de Collor a habilidade dos entrevistadores centrou-se na demonstração da falta de dignidade e estofamento para o cargo, não apenas do irmão do entrevistado, como de todo o governo. Deliberadamente a revista *Veja* encara a questão como ela deixa transparecer, ou seja, um problema familiar e de alta corrupção, deixando explícita toda mesquinhez, deslumbramento e abuso de poder daquelas pessoas que não estavam à altura do *status* em que se encontravam. Pedro Collor inicia afirmando não ter problemas psíquicos. Chama a própria mãe de incrédula e ingênua. Fala que o irmão presidente pretendia montar uma rede de comunicação composta por inúmeros veículos de imprensa – jornal, rádio e TV – por meio de um testa-de-ferro. Conta sobre acordos não cumpridos, sobre apartamentos no exterior, sobre aumento patrimonial indevido e sobre a prática da cobrança de comissão pelo presidente e sua equipe, para viabilização de negócios com o Estado. Relata a tentativa de sedução de sua esposa pelo irmão. Admite que usaram drogas e revela traços malignos do comportamento do presidente: “é o estilo típico do Fernando, usar instrumentos. Ele não ataca de frente.[...] ao mesmo tempo é rancoroso, vingativo e adora manipular as pessoas, ele gosta das pessoas subservientes”. (ALTMAN, 1995, p. 578) Os jornalistas, percebendo a dimensão do conflito e o grande ressentimento do entrevistado - que faz questão de se apresentar como defensor do patrimônio familiar e da herança moral de “caçador de marajás” -, disparam a queima-roupa uma sucessão de perguntas muito objetivas, que resultam em

respostas curtas e claras que dão caráter inegável ao que é dito de modo tão espontâneo. A entrevista examina o nome dos principais membros da equipe presidencial, provocando revelações que estarreceram o país:

Veja – *Qual a diferença entre o PC Farias e o Pedro Paulo Leoni Ramos, o PP? Ou entre o PC e o Cláudio Vieira? Ou entre eles e o Cláudio Humberto?*

Pedro Collor – São os métodos. O PC é o erudito do roubo, da corrupção, da corrupção, da chantagem. Os outros tem uma aspiração mas também tem um teto. O PC não tem limites.

Veja – *Mas o PC vai até onde?*

Pedro Collor – Ele é capaz de matar para extorquir. (ALTMAN,1995, p.578)

Despida de qualquer maneirismo literário, em estilo pingue-pongue, a *Veja* publicou a entrevista em 27 de maio de 1992. A edição esgotou em poucas horas e as denúncias de Pedro Collor resultaram na abertura de uma Comissão Parlamentar de Inquérito(CPI) e no processo de Impeachment, derrubando o presidente Fernando Collor, desmanchando o “esquema PC” e conformando um dos capítulos mais importantes da história recente do Brasil.

No viés comportamental, sem dúvida a entrevista concedida por Leila Diniz ao “*O Pasquim*”, em novembro de 1969, teve repercussões marcantes na sociedade brasileira. Não apenas pelo fato da atriz falar sobre sexo de uma forma como nunca havia sido publicada antes, mas, principalmente porque a publicação levou o governo militar a instituir a censura prévia à imprensa por meio do decreto 1.077. A atriz, após a polêmica entrevista consagrou-se como artista e figura pública e ao mesmo tempo sofreu várias retaliações, sendo obrigada pela polícia federal a assinar um documento em que se comprometia a não dizer mais palavrões. Leila era uma jovem corajosa e liberal, que rompeu preconceitos, quebrou tabus, fazendo avançar os limites da moral da época. Na entrevista cedida à Sérgio Cabral, Jaguar, Tarço de Castro e Paulo Garcez, a atriz apresenta

uma espécie de catálogo das inquietações de uma geração. Leila falou de tudo e de todos numa linguagem despudorada. Os editores do mais bem sucedido jornal alternativo do país, assustados com a desenvoltura da atriz, substituíram os palavrões de Leila por asteriscos entre parênteses. Há 71 destes asteriscos na conversa”. (ALTMAN, 1995, p.313)

No caso de Leila Diniz, não bastou ao “*O Pasquim*” – que se notabilizou por publicar suas entrevistas tal qual o entrevistado falava, sem cortes ou retoques -, a precaução dos tarimbados jornalistas que substituíram palavras por asteriscos,

suprimindo frases inteiras e maquiando outras. A entrevista teve um sucesso negativo na época, restando à posteridade a avaliação do brilhantismo do jornal, da irreverência da atriz e da truculência da ditadura..

Na TV destacam-se como importantes entrevistadores políticos, Alexandre Garcia, de apurada técnica e grande experiência na cobertura de autoridades governamentais. Boris Casoy, que ancora fazendo comentários e manifestando uma fina ironia no meio das notícias. Joelmir Beting, recentemente falecido, foi o primeiro jornalista brasileiro que conseguiu traduzir a complexa temática da economia para o povo, usando rima e metáforas para transmitir informações.

Hebe Camargo, dominando o palco e o público da televisão por mais de 60 anos, entrevistava como se estivesse na sala de visitas de sua casa, obtendo um efeito de intensa proximidade com o entrevistado e o telespectador, que a tornou referência de atuação jornalística na TV. Marília Gabriela, primeira mulher a ancorar telejornais no Brasil, destaca-se como entrevistadora de grande talento fundado em delicadeza, charme e firmeza, em seu programa semanal de entrevistas, já exibido por todos os canais brasileiros de televisão. Destacamos, também, Jô Soares, o humorista de sólida erudição, que, mantém um programa noturno de bate papo no qual entrevistador e convidados regem-se apenas pela espontaneidade, debatendo temas variados e atuais. O programa do Jô trouxe para as telas um modelo muito em voga nos Estados Unidos que mistura entrevistas com performances e shows artísticos.

Dentre muitos outros, apontamos, ainda, como marcante o Programa Roda Viva da TV Cultura - emissora publica paulista, que há décadas apresenta entrevistas relevantes ao vivo nas noites de segundas-feiras.

4. A agressividade de Oriana Fallaci e a empatia de Roberto D'Ávila

Jornalista e escritora, Oriana Fallaci nasceu em Florença em 1929. Neta de anarquistas e filha de um líder do movimento antifascista, ainda criança participou da resistência italiana transportando armas e mensagens entre os membros do grupo de seu pai. Logo após a guerra, com dezessete anos, começou a escrever reportagens publicadas em revistas de prestígio que deram início a uma longa, produtiva e bem sucedida carreira.

Publicou mais de uma dezena de livros – tendo tido, alguns deles grandes tiragens em vários idiomas como, por exemplo, “Um homem”, escrito em memória a seu companheiro, o poeta grego Alekos Panagulis, assassinado em meio a luta política no final dos anos 70, que vendeu milhões de exemplares e se converteu num best-seller.

Como jornalista titular de uma coluna no jornal italiano *L'Europeo* fez centenas de entrevistas memoráveis, publicadas, também, nos mais importantes jornais e revistas europeus e norte-americanos. Mulher de caráter forte e combativo, Fallaci era dramática e passional, provocadora e agressiva e emprestava à seu texto a força da indignação e lirismo. Toda sua competência foi dedicada a desnudar a psiquê e o comportamento de tiranos e poderosos de todas as esferas. Ela mesma escreve, no prefácio de seu livro “Entrevista com a História”, de 1974:

Venha de um soberano despótico ou de um presidente eleito, de um general assassino ou de um líder amado por seu povo, eu vejo o poder como um fenômeno detestável e desumano. (FALLACI *apud* OYAMA, 2011, p.84)

Serão sempre objeto de admiração e estudo suas célebres entrevistas com o aiatolá Khomeini, Henry Kissinger, Nguyen Van Giap, Golda Meir, Gaddafi e Deng Xiaoping, dentre outras. Fallaci morreu aos 77 anos em sua cidade natal.

Roberto D'Ávila, nasceu em São Paulo em 1950, passou a infância no interior do rio Grande do Sul, começou a faculdade de direito em São Paulo, interrompida em meio a ditadura militar.

Produtor de cinema e escritor, foi deputado constituinte, vice-prefeito e secretário de Cultura e Meio Ambiente do Rio de Janeiro. Está a frente de programas de entrevistas desde a extinta TV Tupi quando era correspondente do lendário “Abertura” –

uma revista que foi ao ar com Glauber Rocha, Ziraldo, Vilas Boas Correa, Walter Clark, depois da abertura política. Com o jornalista Fernando Barbosa Lima criou o “Canal Livre” na TV Bandeirantes, um programa de mais profundidade considerado o pai do Roda Viva.”. Seu projeto seguinte foi “Conexão Internacional” na TV Manchete.

Atualmente, mantém o “Conexão Roberto D’Ávila”, programa semanal de entrevistas na TV Brasil e Rede Nacional de Comunicação Pública. (RNCP). D’Ávila fez e continua fazendo entrevistas emblemáticas dentre as quais destaca:

[...] principalmente as internacionais. Fidel Castro não aparecia há 21 anos na TV do Brasil por causa da ditadura. Felipe Gonzáles, que entrevistei na Espanha logo que Tancredo tinha acabado de se eleger presidente [...], fiz várias perguntas sobre democracia sobre as forças armadas, eram perguntas para a Espanha mas que refletiam muito sobre o Brasil e ele entendeu e deu respostas muito interessantes. Entrevistei Luis Carlos Prestes que exilado na França, há 20 anos não falava com o Brasil. Miguel Arraes, Leonel Brizola [...](D’ÁVILA, 2013)

Salvador Dali, Catherine Deneuve, Ted Kennedy, Desmond Tutu, Federico Fellini, Woody Allen, François Mitterrand, Mick Jagger, Marc Chagall, Liv Ullmann, Yves Montand, foram outros dos muitos nomes que renderam-se à empatia do jornalista. Dono de ampla cultura e dotado de um temperamento afável e gentil, Roberto D’Ávila tem como “marca registrada” o fato de ser bom ouvinte, o que propicia a criação de um ambiente receptivo e respeitoso no qual a conversa flui e o convidado sente-se com espaço para apresentar suas idéias sem qualquer pressa e constrangimento.

4.1 Estilos: Confronto e Empatia

Para Carlos Tramontina, "constrangimentos entre quem pergunta e quem responde fazem parte da atividade da imprensa. Geralmente os homens públicos, que têm mais experiência no contato com a mídia, não se surpreendem".(TRAMONTINA, 1996, p.21). Nilson Lage define esse tipo de entrevista como "confronto": "entrevista em que o repórter assume o papel de inquisidor, despejando sobre o entrevistado acusações e contra-argumentando, eventualmente com veemência, com base em algum dossiê ou conjunto acusatório". (LAGE *apud* Observatório da Imprensa⁶)

Se muitas vezes esse tipo de entrevista pode se transformar num espetáculo de

⁶

www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/da130320024.htm

constrangimento – no caso de ser usado levemente como tática para gerar sensacionalismo, principalmente quando transmitida ao vivo no rádio ou na televisão -, por outro lado, pode demonstrar a coragem do profissional que não se intimida com o poder e a riqueza para extrair declarações de interesse público, mesmo que, para tanto, constranja o entrevistado.

Para Alexandre Garcia, "a pergunta embaraçosa pode ter duas conseqüências: desmontar o entrevistado a ponto de ele contar tudo o que sabe, ou irritá-lo a ponto de passar a responder tudo com monossílabos"(TRAMONTINA,1996, p.21), caso em que o entrevistado pode até mesmo se negar a continuar a entrevista.

Com Oriana Fallaci, aconteceu as duas coisas: em 1979, entrevistando o aiatolá Khomeini, líder da revolução islâmica, a jornalista vestia - como manda a tradição islâmica -, um xador e tinha os pés descalços. Apesar da aparente reverência Oriana disparou contra o religioso uma sucessão de perguntas a respeito da intolerância iraniana quanto ao adultério, a prostituição e o homossexualismo, aumentando o tom da objetividade agressiva a cada resposta de Khomeini que, exasperado com a insolência da jornalista, respondeu que os costumes do povo islâmico não eram de sua conta, dizendo que se ela não gostasse da veste islâmica que não a usasse, porque as mesmas eram para “mulheres boas e direitas”. Fallaci respondeu: “isso é muito gentil da sua parte, e já que o senhor permite, vou tirar este estúpido trapo medieval”.(FALLACI *apud* OYAMA, 2011, p.85). A entrevista só teve continuidade no dia seguinte porque Oriana frente a retirada do aiatolá, sentou-se no chão e manteve-se impassível até receber a promessa de que seria novamente recebida. No dia seguinte, apesar de alertada pelo filho que assessorava a situação de que não deveria sequer mencionar a questão feminina e a palavra “xador”, assim que retomou a entrevista a primeira pergunta foi sobre esses temas. Ela mesma relata:

Primeiro ele olhou para mim perplexo. Totalmente perplexo. Então, seus lábios se moveram numa sombra de sorriso. Essa sombra foi se transformando em um sorriso verdadeiro, até finalmente virar uma gargalhada. Sim, ele gargalhou. E quando a entrevista terminou, Ahmed me cochichou: ‘Acredite, eu nunca vi meu pai gargalhar. Eu acho que você é a única pessoa no mundo que já o fez gargalhar’. (FALLACI *apud* OYAMA, 1996, p. 85)

Se naquela oportunidade o confronto teve êxito, com o imperador da Etiópia Heilan Selassié, entrevistado pela jornalista em 1972, o desfecho foi bem diferente.

Após ter indagado o dirigente sobre a miséria e a tortura em seu país, Oriana tocou no assunto, previamente proibido, de uma tentativa de golpe sofrida pelo imperador e que fora abortada com extrema violência, provocação recebida com desconforto pelo entrevistado. Não contente com isto, sabendo que o homem nutria horror à ideia da morte, perguntou-lhe: “e a morte, majestade? o senhor já é bastante idoso, tem medo de morrer?” Transtornado, Selassié ordenou a imediata expulsão da jornalista que, todavia, publicou a entrevista revelando o retrato preciso de um tirano que durante quatro décadas comandou um país miserável, vivendo luxuosamente e com medo constante de perder o poder.

Para Thaís Oyama, “Oriana frequentemente falava mais do que ouvia, dispensava sutilezas no momento de fazer perguntas incômodas e ignorava solenemente o princípio de que o entrevistado é a principal estrela da entrevista” (OYAMA, 2011, p. 83). Já para Christopher Hitchens, Fallaci “esquadrinhou o globo atormentando famosos e poderosos, até eles concordarem em falar com ela, para então, reduzi-los à escala humana”. (HITCHENS *apud* OYAMA, 2011, p. 87).

A escola agressiva da entrevista, que teve em Oriana Fallaci seu maior expoente, contou com inúmeros adeptos ao longo dos anos 1960 e 1970. Ela se constituía em uma herança do interrogatório policial na qual o repórter atuava como o promotor em um julgamento informal. Era necessário criar um clima tenso no ambiente para desestabilizar o convidado e extorquir do mesmo as informações desejadas, podendo chegar às raias da agressão verbal.

O jornalista Paulo Pires, recorda-se de uma entrevista que fez com Roberto DaMatta, na qual o antropólogo declara: “como as coisas mudaram, nos anos 70 a gente não conseguia responder uma pergunta sem ser agredido.” (PIRES *apud* MÜHLHAUS, 2007, p.36). Efetivamente, esta escola caiu em desuso, vindo à tona, novas técnicas de abordagem mais amigáveis. Para Carlos Tramontina "a estratégia mais produtiva é aquela baseada na informação: jamais um entrevistado experiente conseguirá fugir das perguntas ou esconder os fatos se diante dele estiver sentado um entrevistador cheio de informações". (TRAMONTINA, 1996, p.215).

Cultura e informação é o que não falta à Roberto D'Ávila. Contudo, isto não bastou, no início de sua carreira, para poupar seu estilo amigável de entrevistar, de duras críticas: Paulo Roberto Pires testemunha e opina:

todo mundo falava mal do Roberto D'Ávila nos anos 80, quando ele começou como o programa Conexão Internacional. Diziam que ele não era agressivo. Ele não é agressivo até hoje e é excelente, justamente por causa disto. Na verdade ele inaugurou um estilo de entrevista, deixando o entrevistado à vontade e fazendo aquela cara de amigo. Acho que desse jeito a entrevista é muito mais produtiva.” (PIRES *apud* MÜHLHAUS, 2007, p.36).

O próprio jornalista, na entrevista que nos cedeu, avalia o seu estilo como reflexo de sua personalidade: “Eu trato o jornalismo como eu trato a vida, eu sou na vida como eu sou no jornalismo. Então seria uma falsidade eu tentar fazer um jornalismo agressivo se eu não sou agressivo na minha vida. Eu misturei a profissão à vida. Cada um tem um estilo”. E continua:

[...] quanto mais você a deixa à vontade, mais ela se abre. [...]. Acredito que a entrevista é uma boa conversa e consegue-se ao longo da conversa encaminhá-la para um lado ou outro. Porque muito planejamento engessa. Acho que uma coisa muito importante, não só na entrevista, mas na vida, é a empatia. Uns tem mais, outros menos, e podendo se utilizar da sua empatia ajuda bastante.” (D'ÁVILA, 2013)

Na entrevista televisiva, mais do que em qualquer outro veículo, o entrevistado tem sua intimidade devassada por meio da exposição de sua imagem: sua roupa, seus gestos, seu olhar, a expressão facial, o ambiente em que se encontra, nada escapa à câmera. Além disso, no mundo midiático em que vivemos, as pessoas geralmente gostam de dar entrevistas. Há aí, inclusive, uma certa vaidade, uma busca pelo momento “celebridade” previsto por McLuhan décadas atrás. Na avaliação de Boris Casoy, “ se a pessoa é vaidosa e recebe um elogio, fica emocionada e aí reside o perigo: o elogio lubrifica, a pessoa não percebe, vai liberando as portas de sua intimidade e você chega até a ‘caixa-preta’”. (CASOY *APUD* TRAMONTINA, 1996, p.78)

Neste contexto, a nosso ver, a postura de respeito ao entrevistado, passa a ser um fator de preservação do entrevistado, do próprio entrevistador e de seu trabalho à medida em que afasta oportunistas e conquista credibilidade junto ao público. Para D'Ávila, entrevistado e entrevistador formam uma dupla, “ um *pas-de-deux*. Os dois dançam na mesma música.”(D'ÁVILA,2013)) O entrevistador acredita que cabe ao jornalista preparar-se para o encontro: “é muito chato encontrar alguém e não ter a mínima profundidade sobre o trabalho da pessoa com quem vai encontrar. Isso é uma falta de respeito”. (D'ÁVILA, 2013)

O respeito, que talvez seja a marca da escola amigável de entrevistar, fica mais evidente ainda na capacidade do entrevistador em ser um bom ouvinte, em prestar atenção aos detalhes da história e colocá-los em relevo, estimulando o entrevistado ao dar-lhe a sensação de que não apenas quer compreender, mas compartilhar aquela lembrança ou idéia que ele está tentando relatar. Roberto D'Ávila, talvez o maior expoente desta escola no Brasil, reitera esta posição:

Eu acho que o mais importante na entrevista, é a sensibilidade. A sensibilidade para abordar certos assuntos na hora em que o entrevistado está com vontade de falar sobre isso, ou que você sabe que ele conhece profundamente e que tocando nesses assuntos, o entrevistado cresce. [...] O jornalismo requer habilidade, um pouco de cultura, conhecimentos gerais e amor pela profissão, porque o jornalista nada mais é que um mediador entre o fato e a população. Como entrevistador nunca me coloquei em evidência porque acho que o entrevistado é que é importante. é quem deve brilhar. (D'ÁVILA, 2013)

Também a escola da entrevista amigável sofre críticas, das quais a principal é o fato de que o entrevistado não é questionado, mas sim, seduzido. Se entrevistar é a arte de seduzir, Roberto D'Ávila, de quem diz-se que o número de namoradas só perde para o número de entrevistados, desconversa e coloca a questão em outros termos:

A televisão tem outra linguagem, e é importante entender essa linguagem. O gestual é importante é uma maneira meio intuitiva, mesmo inconsciente, é outra linguagem. Qual? Também não sei. Acredito no carisma. (D'ÁVILA, 2013)

Duas personalidades, duas trajetórias de vida, dois momentos históricos, duas culturas, dois estilos: Oriana Fallaci foi forjada em meio a Guerra. Para ela, lutar, combater, seja na vida ou na profissão, era afirmar-se enquanto ser livre e defender a liberdade, inclusive no exercício jornalístico, para toda humanidade. Já Roberto D'Ávila foi formado e informado pela contracultura que pregava o poder da flor, a negação da guerra, a supremacia do amor. Não é por acaso que o confronto e a sedução tenham sido as armas que adotaram com tanta eficácia. Não é, definitivamente, por acaso que seus estilos sejam o ponto de partida para muitos que vêm na entrevista a essência do processo de comunicação jornalística, ponte e conexão, conversa que há séculos move, instiga, fascina e encanta o ser humano.

5. Conclusão

Ao iniciarmos esta monografia tínhamos por objetivo analisar estratégias adotadas por alguns profissionais, identificando os fatores determinantes do êxito ou fracasso de uma entrevista jornalística. Perguntávamos se entrevistar era uma arte ou uma técnica e, em ambos os casos, que elementos deveriam estar presentes para que ela se materializasse como efetivo ato de comunicação para a tríade formada pelo jornalista, sua fonte e o público.

A bibliografia encontrada nos permitiu resgatar o desenvolvimento do gênero, conhecer experiências de outrem, fundamentar pensamentos e até mesmo alçar um vôo teórico que nos surpreendeu por estar além do que pensávamos ser capaz.

Ao mesmo tempo, nas consultas realizadas pudemos constatar que a entrevista é também uma ferramenta de trabalho fundamental para outros campos do conhecimento, como, por exemplo, a história oral, a psicologia, a criminalística e a estatística voltada a obtenção de dados econômicos, sociais e de opinião.

Ainda assim, de tudo apreendido, podemos considerar que a relevância da entrevista como gênero jornalístico, encontra-se na capacidade de reunir, a um só tempo, a objetividade de fatos narrados com a humanização do relato, o que, diminui a distância entre o leitor e o acontecimento, assegura-lhe a veracidade e desperta seu interesse.

Compreendemos que a entrevista, se for encarada não apenas como uma tarefa a ser cumprida, pode se transformar em instrumento de disseminação de análises e reflexões que resultem num aprendizado tanto para entrevistado quanto para entrevistador e leitor que, com certeza, sairão transformados pela experiência vivida. Para tanto, experiência e perspicácia do entrevistador devem ser colocados à disposição das reflexões, conhecimentos e percepções do entrevistado. Assim a entrevista se constituirá num ato comunicacional pleno.

Com seu potencial aproveitado, a entrevista é um olhar que desvenda o mundo. Para o entrevistado, representa um mergulho na alma seguido de uma revelação. Para o leitor, é a possibilidade de estabelecer relações e analogias, identificar-se ou repudiar, enfim, definir-se culturalmente. Para o profissional do jornalismo é a oportunidade de

registrar a contemporaneidade e seus personagens, escrevendo a memória individual e coletiva como referências para o futuro.

Assim, a boa entrevista - mais importante e possível do que a entrevista de sucesso -, é aquela que leva à compreensão mais profunda dos fatos e de seus personagens, desvendando detalhes e colhendo relatos que ajudam a formar visões plurais da realidade, contribuindo com a (in)formação e inserção cidadã no mundo.

Compreendemos, também, que a entrevista não é uma técnica, mas requer técnicas. O fundamental é que as mesmas, uma vez dominadas pelo profissional, não sejam usadas como pretexto para a legitimação de seu pensamento ou do veículo para o qual trabalha. E que, ainda que existam técnicas de entrevista, elas não podem ser reduzidas a uma fórmula capaz de ser aplicada à todas as situações. Cada entrevista é um encontro especial entre sujeitos, personalidades e almas, onde se faz presente o embate democrático de idéias, trajetórias e singularidades.

Entrevistar é um modo de compreender a condição humana, mas, embora seja sempre uma discussão subjetiva, é fundamental para o leitor que fique clara a distinção entre a informação objetiva e a interpretação e análise jornalística.

Analisando estilos e estratégias utilizadas, pudemos concluir, também, que cada profissional deve trabalhar na criação de uma metodologia que lhe garanta a melhor elaboração ética das narrativas de vida; que o jornalista deve deixar-se influenciar pelo conteúdo latente, o ambiente, significados implícitos e discursos não verbais manifestados e que cortesia é fundamental para o estabelecimento de uma relação agradável, na qual o entrevistado sinta-se à vontade.

Sobre estes, concluímos, ainda, que existem diferentes tipos de entrevistados. Além do conhecimento de sua vida e obra, o jornalista precisa treinar sua capacidade de percepção psicológica, usar a intuição e a delicadeza e transmitir confiança e segurança para merecer a confiança. Contudo, quanto mais difícil e inacessível a personagem, o jornalista não pode se intimidar por uma falsa etiqueta que lhe retire a coragem de fazer a pergunta que o mundo deseja ver respondida. Pois, se é respeitando o entrevistado e tratando-o como igual que o jornalista reveste de credibilidade seu trabalho, é no reconhecimento da desigualdade entre os dois que reside a fonte de onde emana a entrevista. E finalmente, concluo que arte, no caso, é ouvir, perguntar e conversar. Fazendo isto, entrevistamos.

6. Bibliografia

- ALTMAN, Fábio. “A arte da entrevista – Uma antologia de 1823 aos nossos dias”. São Paulo, Scritta,1995
- AMARAL, Luiz. Técnica de jornal e periódico. Rio de Janeiro - Tempo Brasileiro - 1982
- BICUDO, Francisco - CAROS AMIGOS A entrevista-testemunho: quando o diálogo é possível, Observatório da Imprensa - site - edição 333 de 13/06/2005 na internet.
- CAPRINO Mônica Pegurer; PERAZZO, Priscila. Possibilidades inovadoras no processo jornalístico: do entrevistado/fonte ao narrador/colaborador. Revista Galáxia, São Paulo, n. 18, p.100-112, dez. 2009.
- COSTA, Caio Túlio. O Relógio de Pascal - A experiência do primeiro Ombudsman da imprensa brasileira – Siciliano – São Paulo - 1991
- FALLACI, Oriana. “Entrevistas com a História” – 1974
- FOLLIET, Joseph (Tu seras journaliste; Lyon, Chronique Sociale de France, 1961)
- GARRETT, Annette. A entrevista, seus princípios e métodos. Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, 1964
- GATTAZ, André Castanhera. Nos braços da resistência – Xamã - 1996
- LAGE, Nilson. A Reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro, Record, 2001
- LAGE, Nilson . Linguagem Jornalística. Rio de Janeiro, Ática, 1998
- LAGE, Nilson. Estrutura da Notícia. Rio de Janeiro, Ática, 1985
- MEDINA, Cremilda, - “Um diálogo possível” São Paulo: Ática, 2002
- MUHLHAUS, Carla. “Por trás da Entrevista” - Record, 2008
- OYAMA, Thais - “ A arte de entrevistar bem” - Editora Contexto – 2008
- PINTO, Manuel da Costa – Grandes Entrevistas do Milênio-Editora Globo – 2009
- PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo** [Revista do Departamento de História da UFF], n.2, dez. 1996, p.53-72.
- Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC.Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80 - www.emtese.ufsc.br

ROUCHOU, Joelle. História oral: entrevista-reportagem x entrevista-história. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo, volume XXIII, nº 1, janeiro/junho de 2000. Texto da Internet

SODRÉ, Muniz e FERRARI, Maria Helena. Técnica de reportagem – notas sobre a narrativa jornalística. Rio de Janeiro – Record, 2001

TRAMONTINA, Carlos - “Entrevista” . São Paulo, Globo, 1996.

Vilas Boas, Sergio *O estilo magazine: o texto em revista* – São Paulo – Summus Editorial – 1996.

7. Anexos

Caminhos de Roberto D'Ávila

Durante a entrevista viajamos pela Paris dos exilados, pela Argentina recém democratizada, pela Espanha, Nova Iorque e até pelo Vaticano. Mas foi no caríssimo bairro da Urca, numa agradável tarde do início de outono, que fui recebida por Roberto D'Ávila em sua produtora. Eu, que me perguntava se a empatia era apenas um estilo profissional, me deparei, à entrada do jornalista, com alguém que, não fora o belo prateado que irradiava de sua cabeleira, poderia dizer ser o bom moço que toda mãe quer para genro: elegante, gentil e inteligente. Roberto D'Ávila é, assim como nas suas entrevistas, também na vida real. Ao longo de nossa conversa, o jornalista nos faz refletir sobre essa atividade fundamental para a profissão - a entrevista -, sem a qual o jornalismo é impensável. Procuramos desvendar um pouco dos mistérios que tornam suas entrevistas tão bem sucedidas. Encontramos sensibilidade, técnica e arte.

D. Vou gravar para ficar mais tranqüila.

R. Sabe que uma vez gravei a entrevista com Salvador Dali, na década de 70, e depois perdi a fita? Nessa época você nem tinha nascido.

D. Já tinha sim, mas só nascido.

R. Dali eu fiz para a “Revista Nova”, da Editora Abril. Foi uma pena perder a fita por que era um registro interessante, ele *hablava* com aquela voz, falava metade em espanhol e um pouco de francês, era muito engraçado. Devia ter guardado, mas perdi entre as viagens.

D. Você estudou jornalismo na França?

R. Estudei história e jornalismo na França. Morei 7 anos por lá. Foi uma época bem interessante, porque haviam 10 mil exilados brasileiros, então conheci muita gente, que tinha estado no poder e haviam passado por todas as fases do Brasil.

D. E foi lá que começou a fazer jornalismo?

R. Foi. Eu tinha um grande amigo que faleceu recentemente, - o Reali Junior -, que morou 30 anos na França e foi correspondente do “Estadão”. Meu grande amigo, foi com ele que comecei a trabalhar no jornalismo e foi ele quem, depois, me apresentou para a TV Globo, porque ele tinha sido convidado para ser correspondente na França.

Eu larguei o jornal e comecei a fazer vários trabalhos para a Globo, e foi assim que começou minha carreira de jornalista. Voltei ao Brasil em 1980 e junto com Fernando Barbosa Lima - que foi um dos jornalistas mais criativos da televisão brasileira -, foi meu sócio, meu amigo, fizemos o “Canal Livre”, um programa que teve muita repercussão. Isto foi antes do “Conexão Internacional”. O Fernando fazia o “Abertura”, que era um programa com Glauber Rocha, Ziraldo, Vilas Boas Correa e Walter Clark. O *Abertura* era uma revista depois da abertura política. O Canal Livre era um programa de mais profundidade, foi o pai do Roda Viva. Depois do Fernando, veio o Walter Salles que estava chegando dos EUA e nós montamos uma sociedade, que é a Intervídeo. Fernando, Salles e eu. Então criamos o “Conexão Internacional”. O Waltinho dirigia e eu fazia as entrevistas.

D. Como jornalista o que mais fez além das entrevistas?

R. Eu escrevia um pouco também, mas acabei me dedicando mais as entrevistas.

D. Nessa época dos anos 80, predominava a entrevista agressiva. Pergunto isso porque o teu estilo é completamente o contrário, muitos criticavam que você não era agressivo, que não conseguia tirar uma confissão do entrevistado, que era muito amigo, deixava a pessoa totalmente à vontade para falar o que quisesse.

R. É, há controvérsias, porque as vezes a maneira que você trata o entrevistado - se é uma pessoa importante - quanto mais você a deixa à vontade, mais ela se abre. Eu trato o jornalismo como eu trato a vida, eu sou na vida como eu sou no jornalismo. Então seria uma falsidade eu tentar fazer um jornalismo agressivo se eu não sou agressivo na minha vida. Eu misturei a profissão à vida. Cada um tem um estilo. Por exemplo, a Marília Gabriela que eu gosto muito, tem um estilo - entre aspas - agressivo. É a maneira de se colocar. Ela se coloca mais, é o jeito dela, e tem gente que gosta mais desse estilo, tem gente que gosta mais do meu. Então, não se pode agradar todo mundo.

D. Você escolhe o entrevistado? Como faz para se preparar para uma entrevista?

R. Geralmente escolho. A minha carreira foi independente. Por uma série de razões eu acabei fazendo sempre trabalhos mais independentes. De alguma maneira, eu quase sempre escolhi, e sim, eu me preparo. Hoje, talvez, um pouco menos porque já tenho uma certa experiência, mas evidentemente eu sei sobre o que eu vou falar, porque é muito chato encontrar alguém e não ter a mínima profundidade sobre o trabalho da outra pessoa. Isso é uma falta de respeito.

D. Hoje que perfil você mais gosta de entrevistar?

R. É um *mix*: artistas, intelectuais... Agora em junho, começa a nova programação do conexão e vou entrevistar o Giancarlo Giannini, que é um grande ator italiano dos anos 70. Há pouco entrevistei um fotógrafo francês, grande fotógrafo. Entrevistei também um fotógrafo americano e um psicanalista para a próxima temporada. Esses já estão gravados. Eu gosto dessa variedade de perfis. Nos próximos dias eu vou gravar um diretor de cinema, ou seja, posso dizer que cada semana ou cada vez que entrevisto, é no fundo uma sessão de psicanálise. Toda vez eu aprendo um pouco sobre outras coisas, sobre outras pessoas e eu me divirto!

D. Eu gostaria que me falasse sobre entrevistas emblemáticas que já realizou ao longo da carreira, e também, que relatasse algum momento de dificuldade, porque a impressão que dá é que você respeita e admira todos seus entrevistados e que por isso, a entrevista sempre flui. Houve alguma situação em que o entrevistado te tirou do sério ou que a entrevista não aconteceu?

R. Podia te responder de várias maneiras. Eu gosto de gente de uma maneira geral e é claro que todas as entrevistas, de algum modo, são com pessoas interessantes. Não quero dizer que todas as entrevistas são interessantes. Eu aprendi isso na vida: as vezes, a pessoa tem uma grande obra mas é medíocre como pessoa. Outras, não tem uma grande obra mas são muito interessantes. Pode ser um grande escritor, mas é reacionário e mesquinho. A gente tem que saber que a obra e a pessoa são coisas diferentes. De uma maneira geral eu procuro entrevistar pessoas que me interessam. Um bom exemplo disso é quando fui entrevistar o Presidente Alfonsín, uns seis meses antes dele cair. Havia uma crise muito grande na Argentina e tinham também os caras pintados nas ruas. Eu fui entrevistá-lo na casa Rosada e ele não conseguia falar. Eu fazia perguntas ele me respondia sim ou não e eu percebi que ele estava extremamente tenso. Depois de uns 15 à 20 minutos naquela situação eu disse: senhor presidente, o senhor me desculpe, eu vim do Brasil para lhe entrevistar, mas a entrevista é longa, eu sei, me desculpe e tal...enfim, a entrevista não foi ao ar. Anos depois encontrei-o num jantar no Chile e, por acaso, sentei ao lado dele que, é claro, não me reconheceu. Já fazia alguns anos daquela tentativa e aí começamos a conversar. Ele queria saber da minha vida como jornalista e aí eu contei que só teve uma pessoa que não consegui entrevistar. - Mas quem é essa pessoa? Ele perguntou. - O senhor. Enfim, essa foi uma situação difícil

como jornalista. Outro dia entrevistei uma pessoa que acho que não vou colocar no ar porque é muito rasa (não vou falar quem é). Era um estrangeiro Um grande artista mas sem alma. Não consegui extrair nada dele. Não é tão simples assim, mas geralmente você consegue que a pessoa se abra. Um vez, quando era jovem, lá em Paris, eu entrevistei o Paulo Maluf - que era o governador de São Paulo - e estava indo para Arábia Saudita. Naquela época, ele era um governador do regime militar, escolhido pelos militares e eu fiz uma pergunta à ele e ele desligou meu gravador. Foi uma situação difícil mas eu liguei de novo o gravador e, bem, afinal somos amigos até hoje. Houve algumas entrevistas emblemáticas, principalmente as internacionais com a de Fidel Castro que não aparecia na TV do Brasil há 21 anos por causa da ditadura. Felipe Gonzáles entrevistei na Espanha. Tancredo tinha acabado de se eleger presidente e eu fiz várias perguntas sobre democracia , sobre forças armadas. Eram perguntas voltadas à Espanha, mas que refletiam muito sobre o Brasil e ele entendeu e deu respostas muito interessantes para nós. O próprio Tancredo Neves me pediu, depois, a entrevista porque ficou muito interessado. No exílio entrevistei grandes personagens como Luis Carlos Prestes, que exilado na França, há 20 anos não falava com o Brasil. Miguel Arraes, Leonel Brizola, fui eu que botei eles pela primeira vez na televisão.

D. Que delícia, hein?.

R. É, digamos que eu estava no lugar certo na hora certa. Morava na França, todos exilados passavam por lá e eu trabalhava no “Abertura”, que era um programa novo, livre num momento ainda de repressão. O Fernando tinha essa capacidade de diálogo e sabia fazer um belo programa e “Abertura” trouxe uma contribuição muito grande para o jornalismo na televisão.

D. Segundo Ana Arruda não existem bons entrevistadores e sim grandes entrevistados. Como você vê essa troca?

R. Concordo mais ou menos. Gosto e respeito muito ela, é verdade o que ela fala e até já entrevistei o Caiado, marido dela. Mas pode-se dizer também que não existe má pergunta, existem más respostas. Eu acredito que é uma dupla, um *pas-de-deux*. Os dois dançam na mesma música.

D. Existe alguém que você gostaria de entrevistar e não conseguiu ainda?

R. Muita gente. Um que eu adoraria ter entrevistado é o Frank Sinatra, por exemplo.

D. Justo ele que não dava entrevista para ninguém?

R. É, ele era difícil. Mas eu era tão pretensioso que uma vez eu quis entrevistar até o Papa. Era o João Paulo II. Eu era amigo do Cardeal Dom Lucas Moreira Neves, da Bahia, e nessa época ele tava em Roma e era muito amigo do Papa. Ele me levou até os aposentos do Papa, e ali, no Vaticano, eu vi o que era o poder. Muito maior do que na Casa Branca. São dois mil anos de história de poder no Vaticano, naqueles corredores do terceiro andar... ali eu fui entender o que era o poder mesmo... Claro que era só uma pretensão, mas eu tentei e, pelo menos, cheguei nas cercanias. Não se pode é deixar de tentar!

D. Como você estudou na França, sabe que na Europa não é necessário diploma para ser jornalista. Como você vê a escola de jornalismo no Brasil?

R. Eu acho que os melhores jornalistas brasileiros não tem faculdade de jornalismo, Elio Gaspari é um grande jornalista, Jânio de Freitas e outros tantos. Acho que o jornalismo requer outro tipo de habilidade: um pouco de cultura, conhecimentos gerais e amor pela profissão, porque o jornalista nada mais é que um veículo entre o fato e a população. Como entrevistador, nunca me coloquei, porque acho que o entrevistado é que é importante, é quem deve brilhar.

D. Você tem alguma estratégia ou técnica que usa ao entrevistar? Há uma grande polêmica entre os que dizem que a entrevista é pura técnica e outros que a vêem como arte.

R. Eu acho que não. Eu nunca pensei nisso. Pra mim sempre foi muito natural, as coisas foram acontecendo. Claro que eu me preparo para uma entrevista, sei por onde começar. Mas, às vezes, tudo muda, dependendo do que a pessoa responde. Mas não faço um planejamento.

D. Você escreve um questionário?

R. As vezes não, mas se é um assunto que conheço menos, eu escrevo. Se é um tema que conheço mais, não preciso do questionário.

D. Você acredita que a entrevista é uma boa conversa?

R. Acredito que é uma boa conversa e que consegue-se, ao longo da conversa, encaminhá-la para um lado ou outro. Porque muito planejamento engessa. Acho que uma coisa muito importante, não só na entrevista, mas na vida, é a empatia. Uns tem mais, outros menos e podendo se utilizar da sua empatia, ajuda bastante.

D. Dizem que é preciso seduzir o entrevistado. Você acredita que o seduz?

R. Não sei. Conscientemente não. Uma vez tentei seduzir a Catherine Deneuve, (risos), tô brincando...quando a entrevistei, ela estava linda nos seus 40 anos, no auge, mas ela ficava muito na defesa. Depois ela me falou que a imprensa francesa a fustigava muito. Guardo boas recordações, foi uma entrevista bonita.

D. Adoraria continuar te entrevistando, podemos continuar mais um pouco? Eu sei que seu tempo é curto e que tem outros compromissos.

R. Claro, é um prazer, você é uma grande entrevistadora. Fique a vontade.

D. Adoraria perguntar outras coisas sobre sua vida, mas preciso focar no tema da entrevista.

R. Pode perguntar o que quiser. Depois me manda, porque raramente eu dou entrevistas. Eu gosto mais de entrevistar. Depois quero ver se saiu direitinho.

D. Qual é a importância da entrevista para o jornalismo?

R.É grande. Se você buscar o que fez o sucesso da revista “Playboy”, verá que não foram só as mulheres nuas, mas aquelas grandes entrevistas que viraram símbolo. Hoje já não tanto, mas nos anos 60,70, aquele estilo da grande entrevista fez um sucesso muito grande. Era uma entrevista que dissecava o entrevistado, era longa, profunda, inteligentes. Não eram só eróticas, pelo contrário. Já “O Pasquim” também fez um grande sucesso no Brasil. Tinha uma linguagem diferente que mexeu muito com o jornalismo. Até o “O Pasquim”, o jornalismo no Brasil era muito rígido - o palavrão quando bem empregado não tem problema nenhum, mas empregado de uma forma leviana fica feio para o leitor. No “O Pasquim” não, porque sabia-se que viria com aquela linguagem. Hoje eu acho meio estranho quando botam certos tipos de palavras assim, vulgares, sei lá, acho que estou ficando velho...(risos)

D. No mundo contemporâneo, com todos os recursos tecnológicos, o acesso a informação é mais fácil, mais rápido. Você acha que a grande entrevista, ou a grande reportagem, podem estar comprometidas?

R. É, eu acho que a velocidade da informação tem um lado negativo para a formação das consciências. Antigamente as pessoas se informavam nos livros, no pensamento. Hoje é tudo muito rápido, tudo muito editado, nem sempre dá pra pessoa se exprimir de uma forma mais elaborada. O *Twitter*, por exemplo, só agora estou entendendo que a partir de uma única frase as pessoas se comunicam. Tudo mudou completamente... Hoje o maior luxo para o ser humano é o tempo. Não há luxo maior. O tempo vai

embora, passou e tem que saber aproveitar. Não só na vida, de uma forma geral, pois há excesso de informação. Eu procuro ler só o essencial, não vivo o dia inteiro na internet procurando coisas. É muita informação e muita bobagem. O que é importantes chega de qualquer forma para você .Só é importante para o jornalista ter a notícia em primeira mão, se ele tiver onde divulgar. E isso só importa para aquelas pessoas compulsivas que querem ser as primeiras a saber da notícia. É tudo muito novo, ainda em formação, e confesso que não sei onde tudo isso vai parar: óculos com os quais você vê tudo e se comunica; crianças conectadas; que tipo de ser humano vai sair daí? Com certeza será uma geração bem diferente. A informação e a comunicação viraram uma grande arma de moldar consciências e por isso é fundamental a educação. Um país que não investe na educação, não investe no ser humano. Vai ser sempre um país de terceira categoria. O computador é frio. Te dá a notícia, mas para você poder analisá-la e entendê-la tem que ter um mínimo de capacidade de compreensão. O que vai diferenciar as próximas gerações vai ser a cultura. A informação é importante, mas o jovem que tiver cultura vai saber o que fazer com a informação.

D. Você não vive da entrevista. È também empresário, empreendedor ...

R. Eu tive que fazer outras coisas para sobreviver porque só como entrevistador não dava.Sou um pequeno empresário, mas se eu tiver algum talento não é de empresário, senão já estaria rico.

D. Mas se pudesse optar, viveria só de fazer entrevistas?

R. Viveria, se eu tivesse muito bem.... Eu nunca usei meu programa para ganhar dinheiro e, também, nunca tive um convite de uma televisão comercial, que aí sim ganha-se muito dinheiro. Então, sempre tive que fazer outros trabalhos, e por isso ter uma empresa.

D. Onde mais você atua dentro do jornalismo?

R. As vezes eu escrevo, mas sou um pouco preguiçoso. Já escrevi para o “Jornal do Brasil” na época boa do jornal. Em seu último ano, eu substitui o grande Carlos Castelo Branco. Ele fazia uma coluna sobre política e eu como fazia, na segunda feira, uma coluna chamada “coisas da política”, fui convidado pelo André Vilas Boas que era, na época, editor de política do “Jornal do Brasil”. Escrevi também em outras ocasiões, mas eu gosto da entrevista, é lá que eu me sinto perfeitamente a vontade.

D. Você é uma pessoa que entende muito de vários assuntos, política, cultura,

economia....

R. Eu não entendo muito, isso é generosidade sua, conheço um pouco, tenho uma vivência, mas não sou um intelectual, não sou uma pessoa que conhece profundamente os assuntos. Dizem que o jornalista é especialista em generalidades, tem que ter uma visão geral, um vô de horizonte sobre todos os assuntos. Mas tem alguns assuntos que me interessam mais, então, destes, entendo um pouco mais. Eu acho que o que é importante na entrevista na verdade é a sensibilidade. A sensibilidade para abordar certos assuntos na hora em que o entrevistado está com vontade de falar sobre esse assunto, ou que você sabe que ele conhece profundamente e tocando neles o entrevistado cresce. Há poucos dias eu entrevistei um psicanalista especialista em Jung e Freud e percebi que, em algumas áreas, a entrevista cresceu muito e ficou uma entrevista bonita. Eu consegui tocar em alguns assuntos que o emocionaram. Na televisão, principalmente, é diferente do que fazer uma entrevista para um jornal. Na entrevista impressa escreve-se o clima, edita-se, já na televisão não, quem faz o clima é telespectador, ele é que sente o clima, ele que vai dizer como estava a entrevista. Eu costumo dizer, note bem, as vezes é mais importante como se diz do que o que se diz, porque se o sujeito falou bem, de uma forma muito bem colocada, mesmo que não tenham sido coisas muito profundas, as pessoas costumam dizer que a pessoa estava ótima na entrevista e quando se pergunta: - mas o que ela falou? muitas vezes ninguém se lembra. A televisão tem outra linguagem e é importante entender essa linguagem. O gestual é importante, é uma maneira meio intuitiva. Mesmo inconsciente, é outra linguagem. Qual é? Também não sei. Acredito no carisma.